



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JORGE NASCIMENTO TRINDADE

MÚSICA NEGRA COMO MEIO DE IDENTIDADE RACIAL PARA AS
JUVENTUDES: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA 2013-2024

JOÃO PESSOA

2025

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES (CCHLA)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JORGE NASCIMENTO TRINDADE

**MÚSICA NEGRA COMO MEIO DE IDENTIDADE RACIAL PARA AS
JUVENTUDES: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA 2013-2024**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Teresa Cristina Furtado Matos

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T833m Trindade, Jorge Nascimento.

Música negra como meio de identidade racial para as
juventudes: revisão sistemática da literatura 2013-2024
/ Jorge Nascimento Trindade. - João Pessoa, 2025.
63 f.

Orientação: Teresa Cristina Furtado Matos.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2025.

1. Música negra. 2. Identidade racial. 3.
Juventudes. I. Matos, Teresa Cristina Furtado. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 3:78.067.26

Dedico esse trabalho em memória à Maria Helena do Nascimento, que entre os seus belos ensinamentos sempre me disse: “Vá em busca dos seus sonhos”. A realização desses sonhos é possível porque o seu amor me conduz e me inspira no que há de melhor em mim.

AGRADECIMENTOS

A realização de uma conquista é um momento de felicidade, e para falar deste sentimento no fechamento deste ciclo nesse agradecimento quero iniciar com a sensação do maratonista que cruza a linha de chegada e festeja a sua superação. A chegada no final desta caminhada me faz lembrar que houve um percurso, e esse foi realizado sozinho, embora em algumas escolhas a responsabilidade foi minha. Mas, pensar nos envolvidos nessa andança formativa que foi o curso de Ciências Sociais - Bacharelado, me desperta o sentimento de agradecimento plural.

A princípio agradeço a Deus pelo amor infinito e misericordioso que acredito, o qual também me faz ter fé para esperar e contribuir para um mundo melhor que desejo. Estendo esse primeiro agradecimento em memória aos meus genitores, de forma especial a minha mãe, mulher que assumiu a responsabilidade dupla na minha formação humana, e por ela me deixar voar para realizar meus sonhos, mesmo que preocupada, a ela o meu eterno amor que conduzirá toda a minha existência, a qual atribuo como a responsável da melhor parte que há em mim.

Agradeço a minha família nuclear com carinho aos irmãos Valeica, Valéria, Jailson e José Mauro que vibram com o meu sucesso, pois acredito que a vibração e o desejo do melhor para mim faz muita diferença. A minha família de forma extensa também tem lugar especial nesta jornada, por vibrarem comigo a cada passo dado. Sobretudo destaco os últimos meses por não terem largado a minha mão após a travessia da minha amada mãe. De forma especial ao meu primo Junior, pois foi ele que me trouxe a notícia de aprovação deste curso, com quem divido aluguel, me apresentou a cidade e a Universidade em um primeiro momento. Porque fortalecemos uma relação de respeito, afeto, aprendizagem, orgulho e inspiração. Agradeço as/os amigas/os que vibram comigo a cada conquista, com carinho aos que cruzei nesta jornada, pois sem vocês essa linha de chegada não seria possível seja no café com formação contínua, rolê e no bar os momentos com vocês foram combustíveis. Infelizmente não darei nomes, pois preciso finalizar esse trabalho, ou seja, se for escrever não terminarei, embora sei que rompo com um dos ofícios da sociologia de nomear os sujeitos envolvidos nas relações sociais. As/os amigas/os que se fizeram rosas únicas porque vocês me inspiram a ser melhor do que ontem, e aprendo demais com cada um de vocês.

Aproveito esse momento para agradecer com imenso carinho a minha orientadora Cristina Matos, a qual a nossa troca além da orientação e formação envolveu telepatia. A telepatia a que me refiro é referente aos momentos em que a nossa sintonia nas trocas de mensagem se cruzou e você em ação me fez lembrar que não estou sozinho, embora possa ser uma trajetória solo, mas preciso de uma banda para trazer ao som harmonia e a sua maestria me conduz a isso. Em nosso encontro de orientação você sempre trouxe sentido e ensinamentos que levarei para a vida por ser humanizado, afetivo que estimula a aprendizagem, e sempre com muito respeito. Gratidão por ter você nesta jornada, decerto quero manter a parceria.

Agradeço aos professores que fizeram e fazem parte da minha formação humana e científica, deixo o meu imenso agradecimento a cada um por ser inspiração, e talvez sem vocês essa linha de chegada que cruzo aqui não seria possível. Afinal, os espaços que tenho percorrido e conseguido estar não foram pensados para sujeitos da minha classe social, e muito menos para a minha cor. Como diz aquele ditado, temos que entrar nas estruturas para movimentar as estruturas, então estou tentando fazer a minha parte, mas porque os passos de vocês foram dados muito antes, e daqueles que vieram antes.

Agradeço as políticas públicas de ações afirmativas, a minha chegada nesta linha de chegada foi conduzida por essas ações. A minha primeira graduação e essa terceira foi por esse instrumento legal que é uma história de coragem e luta constante dos de ontem e que deve continuar comigo, assim como os que estão por vir. O auxílio moradia que recebi da Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante (PRAPE), possibilitou a minha mudança para João Pessoa para continuar essa formação. Assim como a participações em eventos, projetos de iniciação científica, projeto de extensão como voluntário e grupos de estudos, entre outros diversos momentos formativos para além da sala de aula. O auxílio do restaurante universitário também foi um fomento importante, porque a preocupação com a alimentação na Universidade não era um problema, com exceção do período que esse estabelecimento estava fechado. De todo modo, as políticas afirmativas e de promoção da permanência estudantil foram fundamentais para a minha permanência neste curso. A qual deixo o meu agradecimento, mas destaco a emergência de melhorias para que muitos mais estudantes sejam atendidos, e possam viver a sua formação da melhor forma possível. Reitero o meu agradecimento aos motoristas dos ônibus escolares do município de Camutanga e Itambé - Pernambuco com os quais realizei muitas viagens, nessa realidade de ser um estudante do interior que trafega para à cidade.

Estendo ainda esse agradecimento às professoras Patrícia Goldfarb e Danilla Aguiar pela oportunidade de trabalhar no projeto de iniciação científica como discente bolsista. A experiência no plano de trabalho com vocês foi de grande valor para a minha formação acadêmica como pesquisador. Ao projeto de extensão, parceria com a professora Geovânia Toscano deixo meu agradecimento por me provocar na reflexão, ação e discussão na ampliação dos direitos humanos como um exercício de vida que me toca como sujeito social, professor, acadêmico e pesquisador. Ao AMÉRICAS junto mais uma vez com Danilla Aguiar e os demais digo que vocês reacenderam a chama de refletir sobre as relações raciais, temática a qual tenho interesse. Com essa turma tenho certeza que conheço mais que ontem, mas ainda tenho muito a conhecer e vamos seguir.

Finalizo esse agradecimento com gratidão a banca examinadora deste trabalho, por aceitarem o convite, na certeza que os apontamentos e as sugestões para esta produção são para o meu crescimento como pesquisador científico, assim como para um sujeito de responsabilidade social. O fazer científico embora seja um trabalho solitário na sua construção, pode ser uma possibilidade de semear mudanças para os que se envolvem e acreditam. Apesar dos pesares acredito que a entrada neste rio que me molhou para tantas experiências e reflexões possa até secar, mas o que senti por essa água que me molhou, me faz acreditar que possa contribuir para semear melhorias, as quais quero fazer parte.

*“Que essa pele marrom
Suba o tom se for preciso
Muito além dessa dor
Bem mais amor”. (Jota.pê)*

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar a relação entre a música negra e a construção da identidade racial das juventudes, por meio de uma revisão sistemática da literatura. O levantamento contempla produções científicas publicadas entre 2013 e 2024, disponíveis no Google Acadêmico, SciELO Brasil e na Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELA Cult). O objetivo é compreender como a música negra, especialmente no contexto brasileiro, contribui para a afirmação identitária de jovens, identificando temas recorrentes e perspectivas comuns nas obras analisadas. A fundamentação teórica desta produção baseia-se em Paul Gilroy (*O Atlântico Negro*, 2001), que discute a música como herança da diáspora negra; Patricia Hill Collins (2020), com sua abordagem interseccional e a análise do *Hip Hop* como expressão juvenil; e Clóvis Moura (*Sociologia do negro brasileiro*, 1988 e *História do negro no Brasil*, 1992), ao abordar a marginalização da cultura negra no Brasil; Abdias Nascimento (*Genocídio do negro no Brasil*, 1978) que trata como há um projeto político e intitucional de apagamento da contribuição cultural da população negra na história brasileira.

Palavras-chave: Música negra; identidade racial; juventudes.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the relationship between Black music and the construction of youth racial identity through a systematic literature review. The survey includes scientific works published between 2013 and 2024, available on Google Scholar, SciELO Brazil, and the Latin American Journal of Studies in Culture and Society (RELA Cult). The objective is to understand how Black music, especially in the Brazilian context, contributes to the identity affirmation of young people, identifying recurring themes and common perspectives in the works analyzed. The theoretical foundation of this work is based on Paul Gilroy (*The Black Atlantic*, 2001), who discusses music as a legacy of the Black diaspora; Patricia Hill Collins (2020), with her intersectional approach and analysis of Hip Hop as a youth expression; and Clóvis Moura (*Sociology of the Brazilian Black*, 1988; and *History of the Black in Brazil*, 1992), who addresses the marginalization of Black culture in Brazil. Abdias Nascimento (*Genocídio do negro no Brasil*, 1978) who deals with how there is a political and institutional project to erase the cultural contribution of the black population in Brazilian history.

Keywords: Black music; racial identity; youth.

TABELAS

Tabela 1 - Artigos coletado sobre música negra como meio de identidade racial para as juventudes 2013-2024 34

Tabela - 2 Títulos, autores, plataforma de localização e ano de publicação dos artigos selecionados para revisão sistemática da literatura de música negra como meio de identidade racial para as juventudes 2013-2024 35

SIGLAS

ECA - Escola de Cinema e Arte

ECIT - Escola Estadual Cidadã Integral Técnica

MC - Mestre de Cerimônia

TEN - Teatro Experimental do Negro

USP - Universidade de São Paulo

FIGURAS

- Figura 1 - Matéria do El País: Do Samba ao funk, o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica.....19
- Figura 2 - O que é o “Projeto Anti-Oruam” protocolado por vereadora de São Paulo..... 23
- Figura 3 - Da prisão a liberdade: entenda investigações contra MC Poze do Rodo 24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. POR QUE A MÚSICA NEGRA COMO MEIO DE IDENTIDADE RACIAL PARA AS JUVENTUDES.....	15
2.1 A música negra e a relevância para pensar o Brasil.....	16
2.2 Identidade racial e juventudes.....	25
2.3 Sobre outras reflexões.....	30
3. ANÁLISE DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA DOS ARTIGOS SOBRE MÚSICA NEGRA COMO MEIO DE IDENTIDADE RACIAL PARA AS JUVENTUDES 2013-2024.....	34
3.1 A identidade negra e representação social.....	37
3.2 Hip hop e gênero.....	42
3.3 Música negra como ferramenta de ensino.....	44
3.4 Manifestação cultural e resistência.....	47
3.5 Rap e conexões com outros gêneros musicais de origem afro.....	49
5. CONCLUSÃO.....	53
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Em minha primeira graduação de licenciatura em História, em uma aula da disciplina de Prática de ensino e audiovisual em sala de aula, o professor que ministrava a disciplina relatou que havia escutado de uma ex aluna o seguinte depoimento: “*O rap me salvou*”. Segundo ele, essa afirmação ocorreu no momento em que o mesmo utilizou uma canção deste gênero musical em uma aula; ao final desta a aluna foi agradecer pela aula e proferiu o relato acima. Além disso, ela relatou a trajetória difícil que vivenciava em seu cotidiano, e o quanto o som do *rap* serviu como um lema para encarar os desafios do seu cotidiano e da sociabilidade. Mas, como esse relato se relaciona com essa produção?

A experiência exposta por esse professor me provocou a refletir sobre o quanto a música poderia ser um meio para além de um som que ouvimos. Porque, no caso da aluna, entendo que o *rap* assumiu o lugar de uma construção social de identidade o qual ela relaciona com a representação social da sua vida. Por outro lado, esse relato me fez pensar sobre o meu preconceito social em relação a esse gênero musical. A minha falta de conhecimento a respeito dessa arte desconsiderava todo o movimento que o *rap* representa culturalmente e socialmente para o grupo social que o produz e consome. A discriminação dessa expressão artística e social pode ser entendida como reprodução do racismo cultural referente a cultura negra. O *rap* é de origem negra, pois foi produzido por esse grupo social. Mas, até esse momento, essa questão era apenas reflexões.

De todo modo, a minha formação acadêmica científica foi uma guinada na construção da minha identidade racial, pois em relação a cor da minha pele desde cedo passei a ter ciência. Ao viver em São Paulo, uma metrópole, em determinados estabelecimentos eu era seguido por seguranças, o que me fez perceber que isso estava associado com a cor da minha pele. Os desabafos de amigas/os negros que passaram pela mesma situação revelou essa face do racismo que nós, pessoas negras, cruzamos. Através da discussão das relações raciais, sobretudo por intelectuais negras/os na Universidade entrei em contato com outras perspectivas a respeito do quanto o racismo me afetava desde a minha autoestima e a minha vida social. Esse aspecto também se revelava sobre o que eu definia como bom ou mau no meu consumo cultural de música. Por exemplo, o *funk* eu o considerava como uma não cultura, e a música clássica, mesmo sem entender nada, como uma cultura. Entendo que essa minha visão passou por construções sociais formativas advindas com interesses políticos, econômicos, culturais e sociais estereotipados. E o *funk* e a música clássica são culturas, mas

uma é tratada como de valor social e cultural mais aceito em relação a outra. Essa desigualdade se associa com a questão racial.

A formação no curso de Ciências Sociais - bacharelado, somada a participação em projeto de extensão, projeto de iniciação científica, grupo de estudo, clube de leitura, dentre outros, me conduziram a ampliar as indagações anteriormente mencionadas. Mas, comecei a perceber nesse percurso que além de falar e denunciar a dor do racismo a arte negra defende a valorização da negritude. O contato com a minha orientadora, que já orientou trabalhos sobre música negra e realizou pesquisa nesse campo, foi um pontapé inicial para desenhar a questão desta pesquisa como categoria de análise sociológica. A mesma me indicou leituras e matérias, que me deram inspiração, e que são abordadas no corpo teórico desta produção. A partir dessas obras comecei a pensar na possibilidade de relação com outras leituras já realizadas que também estão descritas no desenvolvimento deste trabalho.

Destaco aqui uma segunda experiência que me fez considerar pensar a música negra como meio de identidade racial para as juventudes. Essa foi realizada no projeto de extensão Juventude, Escola e Universidade: passarela cidadã. Na oficina desenvolvida com Thalissa Batista, cujo tema foi: *Um percurso sociológico para entender a música Voz ativa do Racionais MC's: que parada é essa de música e relação étnico raciais?* ministrada para as juventudes do terceiro ano do ensino Médio, na ECIT Daura Santiago Rangel, localizada em João Pessoa - PB no ano de 2024. Na discussão sobre essa canção com as juventudes houve por parte desses uma relação da letra da canção com a sua realidade, enquanto grupo social. A valorização da manifestação cultural foi pontuada também. Isso me estimulou a pensar qual os sentidos sociais construídos pela representação social da música negra.

Apesar de identificar possibilidade de abordagem e relevância das categorias, ainda sentia falta de produções que tratassem diretamente sobre o assunto, ou seja, experiências empíricas. Deste modo o objetivo central deste trabalho busca compreender a música negra como meio de identidade racial para as juventudes através de uma revisão sistemática da literatura de artigos científicos produzidos 2013-2024. A pesquisa busca contribuir com a sociologia da cultura na discussão das relações raciais. Algumas considerações se fizeram pontuais neste trabalho, pois socialmente a música é entendida como uma arte que expressa uma mensagem, através do compartilhamento dessa mensagem os grupos sociais passam a se identificar, ou seja, ocorre uma construção de identidade coletiva seja por parte do produtor e do receptor.

O sociólogo Paul Gilroy (2012), destaca que a música negra foi uma “joia trazida no período da escravidão”. A população negra por meio da sua música e demais manifestações

culturais contribuiu para o desenvolvimento da modernidade, mas com uma mensagem de preservação e ensinamentos dos seus valores, sejam sociais e/ou culturais, que expressam resistência (Gilroy, 2012). Em uma observação histórica dos gêneros musicais afro no Brasil é possível observar isso no samba, *rap* e no *funk*, dentre outros.

O consumo de música por parte das juventudes pode ser entendido como um meio de sociabilidade, mas que também se relaciona com a construção da identidade social (Souza; Freitas, 2014). Analisar, em produções acadêmicas e científicas, como a identidade racial das juventudes é representada por meio da música negra possibilita compreender a importância dessa expressão artística na construção de uma identidade racial positiva entre os jovens. Por outro lado é possível desnaturalizar visões do imaginário social que são pejorativas sobre essa expressão artística e cultural, mas também de entender como na sociedade essas narrativas são estruturadas.

Esse trabalho pode nos permitir entender a música negra como meio para combater a discriminação racial, porque essa arte expressa a história e a valorização cultural da população negra. As juventudes atuam nesse processo desde a produção até o consumo. Por essa razão o recorte temporal para a produção considera que por meio do Estatuto da Juventude Lei Nº 12.852/2013, os jovens passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos de forma legitimada, portanto esse feito tem ações anteriores a esse período. Todavia, a partir desse momento a discussão e produção sobre juventudes passou a ser tratado com maior relevância, seja por parte do setor público, mas também na produção acadêmica.

A metodologia aplicada foi a revisão sistemática da literatura (Galvão; Ricarte, 2020). Mas, o processo da coleta do material ocorreu através de plataformas eletrônicas como Google Acadêmico, Scielo Brasil e Revista acadêmica. No caso da revista, o mediador se deu pelo site de Estudos de Cinema e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e a consulta de fato só ocorreu no site Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELA Cult). Um dos desafios do levantamento no *Google Acadêmico* foram os resultados repetidos, mesmo com a demarcação do período. Nas demais plataformas esse não foi um problema, porque o número do material encontrado foi bem menor em relação ao *Google Acadêmico*.

Nas primeiras pesquisas os resultados trouxeram um número maior de artigos, mas na análise das produções, alguns não enquadraram no recorte temporal da pesquisa, ou seja, o que restou desse material para análise foram 12 artigos. Após essa etapa da seleção do material foi realizada a leitura e mapeamento das temáticas de cada material. Após isso

organizado foi iniciado a fase de articulação com o quadro teórico para a elaboração da redação final.

Essas etapas foram marcadas com demandas de outros afazeres, o que me trouxe um cansaço em alguns momentos. Esse Trabalho de conclusão de curso está organizado em torno de dois capítulos que se divide em duas partes. O capítulo 2 (parte I): *Por que a música negra como meio de identidade racial para as juventudes?* cuja finalidade é responder a partir da minha experiência e leituras qual a relevância social, histórica e cultural da música negra para a sociedade como construção de uma identidade racial para as juventudes. Esse capítulo dispõe de três subtítulos: A música negra e a relevância para pensar o Brasil; identidade racial e juventudes; Outras reflexões.

O capítulo 3 (parte II): *Análise da revisão sistemática da literatura dos artigos sobre música negra como meio de identidade racial para as juventudes 2013-2024*, através de uma revisão sistemática da literatura (Galvão; Ricarte, 2020) apresento, por eixos as temáticas, mapeamento dos artigos e a relação com o quadro teórico e a produção do conhecimento científico.

PARTE I

2. POR QUE A MÚSICA NEGRA COMO MEIO DE IDENTIDADE RACIAL PARA AS JUVENTUDES

“Então, eu acho que uma das partes mais importantes é na questão da autovalorização, da raça, tipo de se autoafirmar negro também, né. Porque no tempo que eu conheci o *rap* era uma coisa assim tipo... Não existia essa parada de orgulho negro naquele tempo nas escolas e nos lugares. Se alguém fizesse um *bullying*, alguma coisa com uma pessoa negra, ela não ia falar ‘tenho orgulho de ser negro’, não existia, entendeu, no meio que eu vivia. Depois que eu conheci o *hip hop*, daí vi os caras, vi Racionais, vi também os outros caras mais antigos, tipo: James Brown lá dos EUA, esses caras todos. Eu passei a ter orgulho, sabe, de ser negro e tudo, que você via um cara bem vestido que era negro, coisa que você não via na TV, entendeu, só via coadjuvante ali. Então acho que essa é a parada mais importante, é o orgulho mesmo de ser negro, essas paradas assim” (Gil Vandal apud Santos; Cabrera, 2021, p.411).¹

No relato do artista de rapper e MC² Gil Vandal podemos identificar, a partir de uma interpretação sociológica, o papel da música negra como meio de formação da sua identidade social. Isso se nota quando o rapper destaca a importância que o *Hip Hop* ocupou na construção de uma identidade racial positiva para reconhecer a sua negritude de forma orgulhosa. Essa relação pode ser notada no momento em que o mesmo menciona a representatividade de ver sujeitos de cor como a sua em destaque para além da televisão, e não apenas como coadjuvante. Mas, em sua realidade, algo que perpassa a noção de apenas uma representação.

Ao tomar contato com reflexões como a do trecho da entrevista de MC Gil Vandal, na qual destaca o papel da arte como meio formativo, comecei a perceber a possibilidade de pensar o papel social da música negra como meio para construção da identidade racial. Então, a música negra, nesse ponto, me despontou como possibilidade de pesquisa porque, assim como muitas pessoas, já compartilhei de pensamentos pejorativos em relação a essa manifestação artística. Advindo da minha formação acadêmica científica nas ciências

¹ Gil Vandal é um rapper, MC e integrante do grupo Contravenção. O respectivo trecho é parte de uma entrevista realizada por Marcia Cristina dos Santos e Luiz Henrique Cabrera Vignola que resultou no artigo: *O quinto elemento do hip hop na vivência de jovens MC's da região metropolitana de Curitiba* (2021).

² O MC é o mestre de cerimônia nos bailes, ele é o responsável pela animação, as músicas que podem ser tocadas ou cantadas nos bailes.

humanas, entendo como essa percepção se formou por uma estrutura de racismo³ com interesses de grupos dominantes no âmbito político, econômico, social e cultural.

No entanto, através da leitura de autores como Abdias Nascimento (1978), Paul Gilroy (2012), Patrícia Hill Collins (2021), W. E. B. Du Bois (2021) e Clóvis Moura (1988; 1992) dentre outros, notei que a música negra pode ser uma possibilidade de fortalecer a identidade racial. Assim também como no fortalecimento do antirracismo. Aqui enfatizo esses autores e autoras por dialogarem com a tradição de pensamento social que norteia a proposta desta pesquisa.

No campo da sociologia das relações raciais é possível encontrar produções sobre música negra, com ênfase na discussão de representatividade social, estudos temáticos e biográficos de artistas, alguns em paralelo com as relações raciais. Esse trabalho tem como abordagem a sociologia da cultura na discussão das relações raciais através de uma revisão sistemática da literatura que considera a música negra como meio de identidade racial para as juventudes. Com isso o que quero esclarecer é que esse trabalho contribui com uma discussão presente na produção do conhecimento sociológico e das relações raciais sobre cultura.

2.1 A música negra e a relevância para pensar o Brasil

A concepção de música negra que aqui será tratada leva em consideração a abordagem proposta por Gilroy (2012), que discorre a respeito da música negra como jóias trazidas da servidão e a política da sua autenticidade. A percepção de jóias pode ser entendida pela contribuição que essa expressão artística e cultural trouxe como forma de resistência, preservação e memória histórica deste grupo social, embora com uma mensagem dolorosa (Gilroy, 2012). Por outro lado, essa manifestação cultural afro-atlântica também contribuiu com o desenvolvimento da modernidade. Por isso que há uma política de autenticidade, ou seja, a sua composição envolve algo genuíno. Ainda que Gilroy entenda autenticidade em um sentido complexo, sem pensar em termos de pureza, essência.

Todavia é válido destacar que Gilroy utiliza a concepção de diáspora para descrever pela categoria do atlântico negro a contribuição cultural deste grupo social durante a escravidão e o seu valor social e cultural. Desde então, essa contribuição passa a ser compreendida como moderna, além de algo efêmero. Ao pensar a música e as relações

³ O termo estrutura de racismo faz referência a teoria social de racismo e foi extraído a partir da leitura do artigo de Danilla Aguiar: **Aimé Césaire, Frantz Fanon e a centralização da luta anticolonial na tradição afro-latina - americana e caribenha radical** (2024). Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/232498/214573>

sociais, a cultura negra é classificada por ele como moderna porque é plural em sua formação, e perpassa o status de mercadoria. Conforme o mesmo:

São modernas porque têm sido marcadas por suas origens híbridas e crioulas no Ocidente; porque têm se empenhado em fugir ao seu status de mercadorias e da posição determinada pelo mesmo no interior das indústrias culturais; e porque são produzidas por artistas cujo entendimento de sua própria posição em relação ao grupo racial e do papel da arte na mediação entre a criatividade individual e a dinâmica social é moldado por um sentido da prática artística como um domínio autônomo, relutante ou voluntariamente divorciado da experiência da vida cotidiana (Gilroy, 2012, p.159)

Ao perpassar o status de mercadoria das indústrias culturais a música negra exerce um papel de resistência que pode ser situado aqui de forma social e cultural, na qual aborda elementos que podem fortalecer a construção de uma identidade racial positiva em relação à negritude. Pois, como bem menciona Gilroy, há um domínio autônomo na prática artística que é expresso na música negra. O domínio autônomo que persiste nesta arte pode ser interpretado como um elemento para além do presente dado que sua formação envolveu participação e compartilhamento plural por parte da população negra escravizada.

O que ainda podemos refletir sobre esse domínio autônomo tende a se estender na experiência do produtor e do receptor, sobretudo para os grupos sociais racializados.⁴ Durante a escravidão a música representou para a população negra um dos poucos espaços de registro histórico, pela linguagem oral, pois a alfabetização para esse grupo social foi dificultada. Por essa razão o lugar da música no atlântico negro é relevante como mensagem formativa de história e memória desta população. A música se fez vital no momento em que a diversidade linguística e semântica decorreu da batalha entre senhores e escravos (Gilroy, 2012). O que foi expresso nas canções produzidas durante a escravidão dispõe de aspectos que revela sobre a relação de conflitos entre escravos e senhores. A categoria de amefricanidade da Lélia Gonzalez (2020), sugere considerar que a experiência da população negra na América adveio de um processo histórico que envolve dinâmica cultural de adaptação, resistência e reinterpretação, assim como a criação de novas formas (Gonzalez, 2020). Nesse sentido, podemos compreender que do movimento da diáspora da escravidão e das relações de conflitos entre os senhores e escravos a representação social da música negra pode nos fornecer elementos de análises como esses. Ainda a respeito da categoria da amefricanidade é cabível salientar que ela destacava como forma da construção social política e cultural para os negros americanos por uma valorização histórica sobre esse grupo social.

⁴ Grupos sociais racializados que passaram por hierarquização social em razão da raça.

Na discussão de bell hooks *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2013), especificamente sobre a linguagem, a autora destaca que: “As palavras se impõem, lançam raízes na nossa memória contra a nossa vontade” (hooks, 2013, p.223). Ao relacionar a reflexão de hooks com Gilroy, sobre a música negra, podemos destacar a comunicação pela linguagem como algo que expressou uma mensagem de uma prática social experienciada. Através da observação das palavras na música negra podemos refletir sobre as memórias dos registos desses contextos históricos, sociais e culturais pelo sentimento representado.

Socialmente entendemos que a música é uma arte composta por harmonia de som e que expressa uma mensagem do produtor ou intérprete para o receptor. Historicamente a música pode revelar elementos relacionados com cada período e conforme os grupos sociais que a produzem, particularidades desses momentos, assim como as questões sociais vivenciadas por eles (Buch, 2020). Assim, podemos enfatizar o valor social e cultural da música na história da sociedade. Ao seguir a discussão com ênfase na música negra, a observação dessa arte afro pode fornecer uma autocompreensão na relação social de intérpretes e produtores, como é destacado por Gilroy:

Examinar o lugar da música no mundo do Atlântico negro significa observar a autocompreensão articulada pelos músicos que a têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado por outros artistas e escritores negros e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental (Gilroy, 2012, p.161).

O papel central que podemos levantar sob essa colocação de Gilroy e a proposta desta pesquisa é o papel da música negra na construção de uma identidade racial positiva. Por outro lado, o de colaborar em romper com a estrutura de racismo, que faz com que as expressões culturais de origem afro sejam fortemente atacadas. Basta lembrar da associação pejorativa as quais classificam o *funk*, *hip hop* e que ontem era o samba no Brasil.

Então, na análise da música negra é necessário descrever o sentido da obra de forma desnaturalizada. Pensar a respeito da música requer uma observação de forma não figurativa, não conceitual, porque há aspectos da subjetividade corporificado em que não se relaciona com o cognitivo ético, isso também é válido para pensar sobre elementos que compõem a estética na comunicação negra (Gilroy, 2012). No caso brasileiro por exemplo, os gêneros musicais de origem negra como o samba e o *funk*, dentre outros, apesar de incorporados à cultura nacional, sofrem discriminação. No imaginário social podemos notar que essa narrativa se faz convincente porque não há forma figurativa e conceitual que considere o valor subjetivo destas produções artísticas culturais. O recorte abaixo da figura 1 de uma matéria do

jornal El País ilustra a circulação por meio de comunicação de notícias sobre a repressão vivenciada por manifestações culturais de origem negra no Brasil.

Figura 1 - Matéria do El País: Do Samba ao funk, o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica



El País, print de tela feito a partir da matéria de ALESSI, Gil⁵

A reprodução de estereótipos elimina a capacidade de análise e observação para entender o sentido mais importante da música negra. O cognitivo ético que essas obras sofrem por questionamentos de valor moral, simbólico e cultural que podem ser identificados pela existência de uma estrutura de racismo.

Na história do Brasil as expressões culturais de origem afro são parte em toda a manifestação cultural produzida no país, dado o processo de miscigenação na formação de raça e etnia. A ideologia da democracia racial aqui difundiu um pensamento social de harmonia racial entre os grupos sociais racializado e étnico, mas que não se aplica na realidade vivenciada por esses (Moura, 1988). O processo de racionalização da estrutura de

⁵ ALESSI, Gil. **Do samba ao funk, o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica**. In: El País. ALESSI, Gil. **Do samba ao funk, o Brasil que reprime manifestações culturais de origem negra e periférica**. In: El País. Matéria do dia 07/12/2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-07/do-samba-ao-funk-o-brasil-que-reprime-manifestacoes-culturais-de-origem-negra-e-periferica.html> acesso em 13/07/2025.

controle cultural no capitalismo dependente se fez de forma dual, por reconhecer a especificidade de grupo sociais como por exemplo o marcado por raça, mas a classifica como diferenciado, conforme é destacado por Moura: “A partir do nível de reconhecer-se *específica*, ela cria valores parciais próprios que funcionam como mantenedores dessa especificidade e, ao mesmo tempo, elabora uma ideologia que a dinamiza do ponto de vista da sociedade abrangente” (Moura, 1988, p. 110). A classificação do grupo social negro de forma específica aqui reconhece a particularidade, mas busca incorporar em termos de uma visão social ampla para atender demandas do capitalismo dependente e das reivindicações da sociedade civil por movimentos sociais e coletivos. O grupo social enquanto diferenciado passa por essa demarcação com base em valores da sociedade de classe, segundo Moura:

Em outras palavras: o grupo diferenciado tem as suas diferenças aquilatadas pelos valores da sociedade de classes, enquanto o mesmo grupo passa a ser específico na medida em que próprio sente esta diferença e, a partir daí, procura criar mecanismos de defesa capazes de conservá-lo específico, ou mecanismo de integração na sociedade (Moura, 1988, p.117).

A colocação de Moura sobre grupo diferenciado e específico revela que o grupo diferenciado é identificado e o grupo específico se identifica. Desta forma, as manifestações culturais afro por grupos sociais são reconhecidas pelas suas particularidades, mas para o grupo específico que se identifica pode haver outros sentidos. De todo modo, é importante ressaltar que esta análise do autor discorre sobre a construção social de capitalismo dependente na sociedade brasileira.

O efeito do capitalismo dependente no Brasil para os grupos sociais pode ser entendido quando se retorna um olhar para as chagas sociais desse feito, mesmo após o período colonial. A partir da concepção de colonialidade do poder que considera a exclusão social baseada em raça e etnia que foi vivenciado por países da América Latina proposta por Aníbal Quijano (2005) conseguimos identificar a ordem legitimadora que contribuiu para estruturar esse poder social, político, econômico e cultural. “Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (Quijano, 2005, p.118) Ao centralizar a questão da raça como elemento da modernidade na América, Quijano apresenta como reflexão o efeito da classificação social por raça e etnia para os grupos sociais como algo cultural da modernidade. Se Gilroy destaca a contribuição cultural negra na modernidade, em Quijano pela colonialidade do poder é possível pensar como um projeto de apagamento cultural se construiu e impossibilitou uma visão da contribuição cultural como por exemplo o caso da música negra. Ao recorrer a Abdias Nascimento (1978), podemos aproximar essa discussão no Brasil, pois ele classifica o genocídio cultural do negro brasileiro como um projeto político, econômico e social de uma

elite dominante. Embora, entre Gilroy (2012), Quijano (2005) e Nascimento (1978) haja diferenças na análise, podemos aproximá-los para pensar a perspectiva da cultura enquanto fator de unidade coletiva.

Além disso, um outro aspecto que é destacado por Quijano é o da concepção do eurocentrismo como ideal social. O impacto disso foi justamente a racionalidade na estrutura de racismo e o de um racismo cultural nas produções culturais como aqui podemos pensar sobre o caso da música negra. As músicas de origem europeia são classificadas como arte erudita e a música negra como arte popular. Mas, a questão a ser feita é: por que a música de origem europeia não passa por um questionamento de valor social e cultural? Talvez a resposta para essa questão esteja em como a colonialidade do poder e o eurocentrismo são racionalizados na nossa formação social e porque precisamos desnaturalizar essa percepção para entender o sentido da arte negra em nossa sociedade.

Na obra *A história do negro brasileiro* (1989) de Moura, a discussão sobre a variável cultural, apresenta um panorama da influência cultural da população negra para a formação da cultura brasileira. No entendimento de Moura:

“Em todas as áreas de trabalho os africanos incorporaram os seus modos de vida - a sua religião, indumentária, cozinha, música, sistemas de regadio e plantação e outras manifestações sociais - aqueles habitantes mais antigos do nosso território, índios e portugueses” (Moura, 1989, p.33).

A força do trabalho é para ele algo que foi essencial para o desenvolvimento das manifestações culturais, apesar de se tratar de um período marcado pela escravidão e a violência que no cotidiano deixam as suas marcas. De todo modo, encontramos nessas produções uma cultura de resistência. Em Moura, a influência cultural é enfatizada na religião, embranquecimento e preconceito retratado na literatura de cordel. Mas que na nossa história se faz presente também para pensar a respeito da música negra que também recebe uma conotação pejorativa quanto ao seu valor artístico e moral.

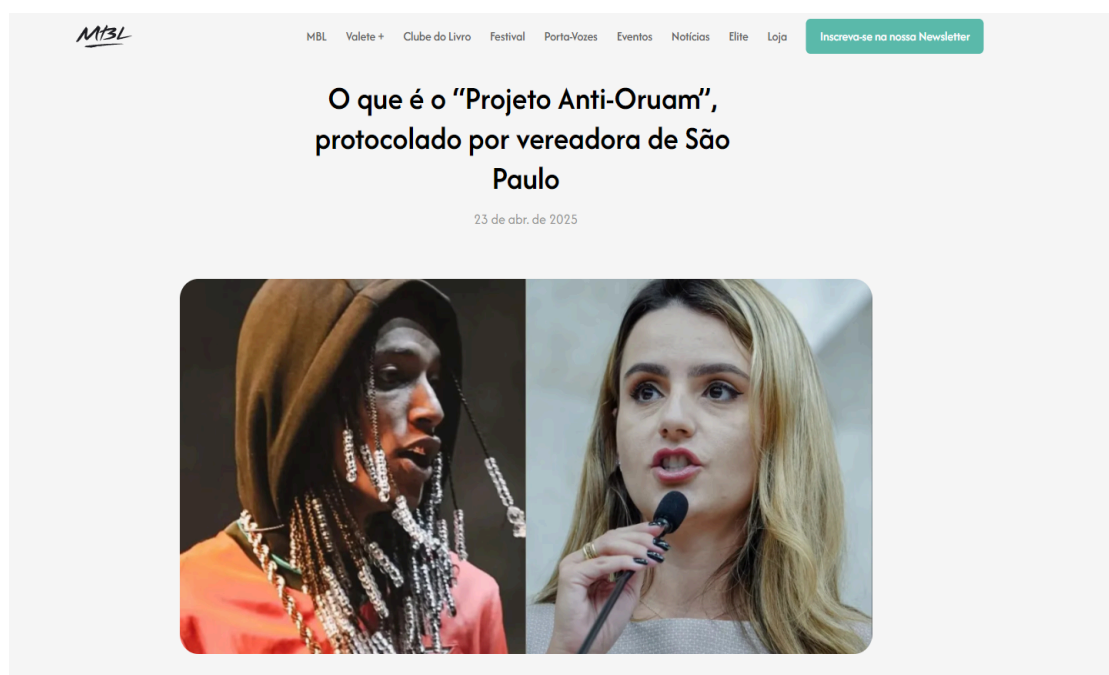
O samba, os bailes *black*, *hip hop* e funk podem ser associados a uma manifestação cultural de resistência para a população negra. Além de entreter, na sociabilidade oferecida há uma mensagem formativa de afirmação e valorização social de racialização, apresentando denúncias de discriminações sejam estas sociais e raciais, e é uma arte pelo valor social, simbólico e cultural que representa socialmente. Mesmo que essa prática cultural seja constantemente atacada de diversas formas. A menção aos gêneros musicais que abrem esse parágrafo é considerando o que foi possível obter pelo levantamento bibliográfico dos artigos que serão apresentados no capítulo seguinte.

Se atentarmos à continuidade de resistência da cultura negra, historicamente vivida, podemos nos permitir reconhecer a relevância do seu papel na atualidade. Segundo Gilroy: “Este deslocamento fundamental da cultura negra é particularmente importante na história recente da música negra que, produzida a partir da escravidão racial que possibilitou a moderna civilização ocidental, agora domina suas culturas populares” (Gilroy, 2012, p. 170). A análise da cultura negra, como a música, por exemplo, pode possibilitar a desmitificar estereótipos ainda presentes sobre a história da população negra como, por exemplo, a de uma passividade na escravidão. Assim como a que não houve uma história deste grupo social por falta de registro, sendo a música negra um uma forma de registro histórico. Ao não sabermos sobre a sua produção, podemos acreditar e repetir que a história dos colonizadores é a única. Ao conseguirmos identificar a ação ativa deste grupo social e como isto possibilitou o desenvolvimento da modernidade, estimulamos a leitura de uma perspectiva simultânea e plural da sociedade. A cultura dita popular é negra, além de popular, essa representa uma afirmação de existência em meio ao seu apagamento.

Retomando Nascimento (1978), que em *O genocídio do negro brasileiro*, argumentou que o lugar do negro no Brasil é marcado por violência e o silenciamento na sua história social e cultural. A questão de autodefinição do negro, discriminação, embranquecimento cultural, perseguição à cultura africana, a bastardização cultural e a resistência cultural são algumas das temáticas presente na sua discussão. A música negra não aparece diretamente na discussão dele, mas aqui é mencionada porque a violência e o silenciamento se fazem presentes também nesta arte. As temáticas discutidas por ele atravessam essa expressão cultural. O caso de perseguição vivenciado por bailes *black* aos movimentos⁶ de funk, *hip hop*, foi o mesmo pelo qual o samba enfrentou em outro período da história do Brasil. O Projeto Anti-Oruam, apresentado pela vereadora Amanda Vettorazzo (União Brasil), na cidade de São Paulo, no final de janeiro de 2025, em que proíbe a Prefeitura Municipal de São Paulo de contratar artistas que façam “apologia ao crime ou uso de drogas” expressa o quanto há uma continuidade de ações de discriminações às manifestações culturais de origem negra.

⁶ O *funk* e o *hip hop*, assim como os bailes *black* são apresentados como movimento, por isso o uso do termo movimento em referência a essas expressões culturais, pois celebram, mas tem uma mensagem política de autovalorização da negritude e denúncia de discriminações de gênero, racial e social.

Figura 2 - O que é o “Projeto Anti-Oruam” protocolado por vereadora de São Paulo



MBL, print da tela feito a partir da página do Movimento Brasil Livre⁷

O aspecto racial é interpretado como aspecto fundamental na criminalização pelo qual o *funk* passa desde o seu surgimento até os dias atuais (Batista, 2013)⁸. É o caso do artista MC Poze do Rodo (Marlon Brandon Coelho Couto Silva), que foi preso em sua residência no Rio de Janeiro, acusado de apologia ao crime por conta da letra das suas canções, e por ter realizado shows, com frequência, em áreas que são marcadas como de domínio da facção do

⁷ MBL, **O que é o “Projeto Anti-Oruam”, protocolado por vereadora de São Paulo**. Disponível: <https://mbl.org.br/noticias/o-que-e-o-projeto-anti-oruam-protocolado-por-vereadora-de-sao-paulo>

⁸ Carlos Batista na obra: **Tamborzão, olhares sobre a criminalização do funk (2013)** discorre como esse processo ocorre socialmente.

Comando Vermelho, segundo a polícia civil. O que chamou a atenção desse caso foi o tratamento da polícia com o artista, e o uso de algemas, pois se recomenda o uso desse instrumento quando o acusado demonstra uma resistência à prisão ou tentativa de fuga. Perante as imagens que circularam em redes sociais isso não ocorreu, mas a situação de abordagem é similar com as que as pessoas negras vivenciam no cotidiano, o artista é um homem negro e jovem que mesmo sendo uma pessoa pública famosa não ficou isento de tal tratamento violento.

Figura - 3 Da prisão a liberdade: entenda investigações contra MC Poze do Rodo



CNN, print da tela feito a partir da matéria de SOUZA, Beto⁹.

Por outro lado, a acusação de apologia à qual associam o *funk* é uma tática usada para rotular como não tolerável essa manifestação e justificar a intervenção de controle por parte do Estado pela lei (Borges, 2013)¹⁰. Esse ocorrido também fortalece as ações que o movimento *funk* vivencia de discriminação seja como cultura, mas que reforça estrutura de racismo social e cultural. O ponto chave aqui é visualizar o genocídio cultural negro como

⁹ SOUZA, Beto da CNN. **Da prisão a liberdade: entenda investigações contra MC Poze do Rodo**. In: CNN. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/da-prisao-a-liberdade-entenda-investigacoes-contr-mc-poze-d-o-rodo/> acesso em 14/07/2025.

¹⁰ No artigo: *A produção legislativa em torno das “apologias”* Rafael Borges discorre sobre o debate das apologias nas letras de funk e a questão racial também se faz presente. - **Tamborzão olhares sobre a criminalização do funk (2013)**.

projeto, e que pode ser relacionado com a história social da música negra, seja no passado ou presente, como forma de violência e silenciamento quando os artistas não são reconhecidos como deveriam, muito pelo contrário, são perseguidos como uma ameaça para a ordem moral.

Por vezes, para além da discriminação, devemos ressaltar o papel de representação e identidade racial que a música negra desempenha. Os bailes *black* no Brasil trouxeram também o reconhecimento de assumir, pela *black soul*, a negritude como forma de orgulho, autoestima e conscientização (Silva, 2022). Esses bailes estiveram presentes em diferentes lugares do país, mas dentre as pesquisas sobre esses eventos a mensagem de valorização da negritude se faz presente. Do mesmo modo que Nascimento (1978) enfatizava o papel da resistência cultural afro como fundamental no combate a discriminação racial, isso também se faz presente na música negra pela mensagem, e a sua composição que perpassa a noção de ser apenas mais um mero produto. O que podemos acrescentar aqui como crucial é a valorização da cultura vista como uma chave, pois o Teatro Experimental do Negro (TEN), que Abdias Nascimento participou da sua formação e atuou, enquanto pauta comum defendia que pela a arte cultural e educação fundamental no combate a discriminação racial.

2.2 Identidade racial e juventudes

Até o momento temos discorrido sobre o valor da música negra socialmente e a relação da identidade racial, mas a pergunta deste capítulo é: por que a música negra como meio de identidade racial para as juventudes? Primeiramente, o uso da categoria social de juventudes no plural é porque alguns estudiosos da antropologia (Marcon, 2020), e sociologia (Margulis; Urresti, 1996) pontuam que esse grupo social é complexo, dada a estratificação social de raça, classe e gênero. Assim, como os espaços de socialização no qual estão inseridos. A escolha pelo uso da categoria juventudes neste trabalho como plural se dá, portanto, por entender a constituição desse grupo social como diversa e complexa, e assim considerar a questão das relações raciais. A juventude representa uma fase marcante em nossa vida porque, ao mesmo tempo que há a crise existencial, temos também a formação de novos elementos que compõem a nossa identidade, que podem passar pela fase do desejo da revolução até atingir uma “maturidade da estabilidade”.

Foi através da extensão universitária, especificamente pelo projeto: *Juventude, Escola e Universidade: passarela cidadã*, cujo objetivo é ampliar a discussão sobre direitos humanos

para as juventudes do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas de João Pessoa.¹¹ A essa experiência se soma a disciplina de Sociologia da Juventude onde pude ter acesso a esse olhar para a juventude como categoria social. Nos encontros formativos passei a entender a categoria juventude como construída socialmente e de dimensão simbólica, política, material e histórica (Margulis; Urresti, 1996). Nos últimos editais do projeto temos atuado na Escola Estadual Cidadã Integral Técnica (ECIT) Daura Santiago Rangel localizada no bairro José Américo da cidade de João Pessoa - Paraíba. Em outro momento esse projeto já atuou na Escola Estadual Cidadã Integral Técnica (ECIT) Papa Paulo VI localizada no Bairro Cruz das Armas em João Pessoa - Paraíba.

A experiência neste projeto de extensão me possibilitou elaborar e ministrar oficinas com a temática das relações raciais, área de pesquisa a qual tenho interesse. Na segunda oficina que ministrei, a elaboração foi realizada em parceria com Thalissa Batista, o tema da oficina que apresentamos envolvia uma discussão da letra de uma música a partir de uma perspectiva sociológica com os conceitos como raça, classe, desigualdades sociais e raciais. A finalidade era perceber como as juventudes identificavam as relações raciais. Pretendemos com essa provocação que essas juventudes pudessem situar as suas experiências pessoais, ou seja, um exercício de imaginação sociológica (Mills, 1969). O uso de música buscou atender a demanda dos estudantes que manifestaram ser consumidores dessa arte, e a escolha da canção deu-se por escolha deles.¹²

Após essa oficina fiquei muito pensativo em relação a discussão e a mensagem da canção direcionada às juventudes. Um outro elemento que começou a me intrigar aconteceu porque comecei a perceber o quanto as juventudes são presentes no cenário da música negra; quando pensei em filmes, séries e até mesmo na produção desta arte com o movimento *funk* e o *rap*. Alguns estudantes começaram a me seguir em minha rede social pelo Instagram e comecei a notar nos seus storys o uso das canções do gênero musical *funk* e *hip hop* de artistas como MC Hariel e Racionais MC's como plano de fundo, mas a letra das canções compartilhadas por esses emite desde o desejo do final melhor, agradecimento e descontentamento. O trecho da canção do artista MC Hariel *Hit do ano - o preço da luta*

¹¹ O projeto de extensão Juventude, Escola e Universidade: passarela cidadã é coordenado pela professora Geovânia Toscano, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA), o qual está vinculado a esse centro. Esse projeto no último edital está em sua 6ª edição. A minha participação como extensionista é desde o edital 2022/2023 e ainda continuo como voluntário.

¹² A canção escolhida pelas juventudes foi **Voz ativa** dos Racionais MC's, uma canção presente no álbum Escolha o seu caminho 1993. No dia da oficina houve alguns imprevistos, mas a oficina e a temática contou com uma boa recepção das juventudes e participação também.

(2021), foi uma das canções que me recordei ter observado, e expressa as temáticas que mencionei anteriormente, por exemplo no trecho:

“Vim dum barraco de madeira, lama, palafita Me recusei todo momento ser coadjuvante Pra quem é fraco, a vida é dura, eu sou protagonista Ignorei o vento, não baixei o meu semblante O crime tentou seduzir, porém, não conseguiu Tomei enquadros abusivos por causa da cor.” (Compositores: MC Kevinho / MC Vitão do Savoy / MC Ryan SP / MC Lele JP / MC Kevin / MC Marks / MC Negoinho Do Kaxeta / MC Menor da VG / MC IG / MC Don Juan / MC Hariel / MC Leozinho ZS, 2021)¹³

Neste projeto de extensão eu também sou um dos responsáveis pela página do Instagram, uma espécie de social mídia. E então comecei a observar que dentre os jovens que não me seguiam, mas seguiam a página do projeto, a presença da música negra como algo do seu cotidiano. Então me ocorreu, que comecei a cogitar como objeto de pesquisa a música negra como meio de identidade racial para as juventudes, atravessado por essa experiência.

A relação de identidade e juventudes neste trabalho está baseada na inquirição teórica de Collins (2021), que em sua discussão sobre interseccionalidade aponta o *hip hop* como possível de análise como política identitária, pois resulta da experiência de grupos sociais que sofrem discriminação de raça, classe, idade, sexualidade e cidadania (Collins, 2021). A participação da juventude neste movimento musical é destacada de forma intensa, pois, ao pensar na questão da idade e cidadania, a autora entende que isso tende a afetar mais o grupo social das juventudes. Segundo Collins:

As categorias de raça, classe, gênero e cidadania colocam muitos grupos em desvantagem sob as políticas neoliberais; no entanto, visto que a idade abarca todas essas categorias, as experiências das pessoas jovens com problemas sociais são mais intensas. (Collins, 2021, p. 283).

Os problemas sociais enfrentados por artistas do *hip hop* e expressos em suas manifestações artísticas podem ser relacionados com os vivenciados por parte das juventudes receptoras dessa arte. São eles: a discriminação, as críticas às violência – seja essa policial, ao sistema político como um todo – e o mercado de trabalho. Esses temas aparecem nas canções desse gênero musical e o choque de geração com adultos.

Collins (2021) entende o *hip hop* como categoria de análise pela interseccionalidade para pensar como raça, classe e gênero que pode ser associada como política identitária e juventude. Segundo a autora, “Quando se trata dos laços entre política e identidade, a interseccionalidade e o *hip hop* enfrentam conjuntos semelhantes de desafios que moldam a política identitária em cada momento” (Collins, 2021, p.284). Embora ela tenha enfatizado o papel da política identitária no *hip hop* isso me possibilitou a refletir o quanto isso possa ser

¹³ Trecho da letra disponível em:

<https://www.letras.mus.br/mc-hariel-sp/hit-do-ano-o-peso-da-luta-part-mc-leozinho-zs-mc-don-juan-mc-ig-mc-menor-da-vg-mc-negoinho-do-kaxeta-mc-marks-mc-kevin-mc-lele-jp-mc-ryan-sp/>

um caminho de análise da música negra como meio de identidade racial para as juventudes. A política identitária da juventude no *hip hop*, para a autora, assume um papel num espaço de contestação entre a pressão conformista (Collins, 2021). No caso do Brasil, essa contestação pode ser observada no movimento *funk*, que decorreu do *hip hop*, mas também presente em outro momento da história no samba, ou seja, aqui a música negra também tem um lugar na política identitária.

Pensar sobre o *funk* na sociedade brasileira é aproximar-se da discussão nas relações raciais, pois a origem desta música está diretamente relacionada à contribuição cultural da população negra (Vianna, 2014). Além de contar com esse grupo social como precursora, há uma grande parcela das juventudes que participam desde a produção até os bailes do mundo *funk*, ou seja, trata de um espaço de socialização. O *funk* para as juventudes periféricas pode despontar como meio de mobilização social, e não apenas simplesmente um momento de entretenimento.¹⁴ Mas, atingir essa ascensão social não implica em não vivenciar discriminação racial, como discutimos antes, no caso do MC Poze do Rodo. A questão é que pela ótica de Collins, que propõe que o *hip hop* apresenta uma política de identidade para a juventude, no Brasil o *funk* pode ser interpretado assim também, por se opor a situação de contentamento, emitir uma voz que também é política.

No artigo *Práticas musicais de jovens e vida cotidiana: socialização e identidades em movimento* (2014), as autoras Jusamara Souza e Maria de Fátima Quintal de Freitas abordam a temática para discutir sobre a juventude no Brasil. Nesta produção, a música como tema aparece de forma geral, relacionado com a tecnologia e a socialização. O papel da juventude não apenas como consumidores, mas como prosumidores, ou seja, também estão envolvidos na produção. Conforme Souza e Freitas:

Assim, o acesso quase ilimitado à música, promovido pelas tecnologias, faz com que os jovens sejam consumidores criativos, tornando-se ao mesmo tempo receptores e produtores, levando autores como García Canclini e Urtiga (2012, p.194). a criar a palavra “prosumidores”, termo que se refere à síntese entre as expressões “produtores” e “consumidores” (Souza; Freitas, 2014, p.61)

A concepção de prosumidores, empregada por elas, é de Garcia Canclini e Urtiga. Mas aqui pensar essa concepção é importante porque as juventudes na música negra assumem esse lugar no mercado da indústria cultural que se molda para incluir essa arte. Porém, na indústria cultural o interesse é o lucro, e pode ocorrer uma perda da proposta inicial da arte (Horkheimer; Adorno, 2023). Mas, ainda assim prevalece uma autenticidade desta expressão artística, o que neste trabalho interessa para pensar a identidade racial.

¹⁴ TORRES, Thiago (Chavoso da USP). O funk consciente e as políticas econômicas brasileiras, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8vs5FrpMww> 08/09/2024.

O lugar de política identitária que Collins menciona é o do *hip hop*, mas Gilroy enfatiza a música negra e a sua política de autenticidade, ou seja, o papel desta expressão artística e cultural composta por uma complexidade que envolve diversos segmentos sociais da nossa sociedade. No Brasil, o movimento funk por meio de Associação tem uma ação de reivindicação na qual tem conseguido conquistas como o dia nacional do *funk* e o reconhecimento de uma cultura nacional. Além disso, há uma luta constante que insiste em associar este movimento à criminalização e, no debate de cultura e poder, como uma manifestação artística inferior. Dentre todos esses casos, a persistência da questão racial tem lugar central.

O intercâmbio cultural proposto pela categoria de análise do atlântico negro, feito por Gilroy, pode ser associado pela observação de Collins ao defender que o *hip hop* atravessou fronteiras e apresenta as suas particularidades conforme cada grupo social.

Verdadeiro fenômeno global, o alcance geopolítico do *hip hop* vai muito além de sua origem estadunidense. Ele é usado por jovens de ambos os sexos como uma forma de política cultural para intervir em questões sociais importantes em todo o mundo. Por exemplo, filhas e filhos de imigrantes usam o *hip hop* no Sul global para criar um espaço que não é nem o país de origem de seu país nem a terra de “adoção” onde eles enfrentam o “outro”. Jovens mulçumanos e ao islã em geral sob o pretexto de uma guerra global ao terrorismo, enquanto jovens indígenas utilizam o *hip hop* para denunciar o colonialismo dos brancos (Collins, 2021, p.285).

Dito isso, notamos a importância das juventudes nesses movimentos de uso do *hip hop* como política cultural que vão além das fronteiras de origem, como veremos nos trabalhos analisados no próximo capítulo. Mas se faz cabível mencionar a noção de intercâmbio cultural, para tornar vivo os passos daqueles que vieram antes, embora como escravizados sua contribuição prevaleceu no desenvolvimento da modernidade e na contemporaneidade. Um outro aspecto que chama a atenção na citação de Collins é o uso por parte de outras etnias que incorporam pelo *hip hop* a sua mensagem política, o qual reforça um olhar para a música negra como modernas (Gilroy, 2012), e inspiradora no desenvolvimento da arte. Os estudos sobre manifestação cultural afro podem fomentar o conhecimento sobre o valor cultural e artístico da população negra para a sociedade.

2.3 Sobre outras reflexões

Uma outra referência que contém reflexões válida sobre a música negra e que me inspirou nesta produção foi o livro *As almas do povo negro* de Du Bois (2021). No capítulo “*Sobre as canções de lamento*”¹⁵ o autor enfatiza como essas canções provocavam emoções curiosas em si, apesar de vir de um lugar o qual não tem uma relação direta com a sua experiência pessoal, porque não viveu o que era expresso neste contexto histórico e social. No entanto, a mensagem passada por essas canções era o ponto que o tocava, segundo o mesmo: “O que são essas canções, e qual é o seu significado? Eu conheço pouquíssimo de música e sou incapaz de usar técnica, mas conheço algumas coisas sobre os homens, e por isso sei que essas canções são a mensagem articulada do escravo para o mundo” (Du Bois, 2021, p.304). A mensagem do escravo para o mundo, a qual Du Bois se refere, pode ser melhor compreendida se tomarmos como pressuposto a categoria de análise de dupla consciência, criada por ele, que corresponde a sensação do sujeito negro ter duas identidades: a sua própria e a de ser percebido pelo outro, ou seja, o não negro. A sensação de viver sob um véu.

Entender a mensagem do escravo para o mundo pode nos permitir conhecer sobre as relações sociais e culturais vivenciadas neste período por esse grupo social. Esse é um processo no qual pode cooperar na construção do sujeito social negro para além do olhar do outro. Pode-se compreender o quanto essa observação colaborou na sua formação da dupla consciência sobre o que é viver em uma sociedade racializada quando se reconhece um sujeito negro, mas a emergência de um olhar para o passado para entender o problema da linha de cor¹⁶. Por outro lado, o de identificar a contribuição cultural da população negra. A trajetória de Du Bois foi marcada por produções científicas, mas também por um ativismo político e social no qual ele acreditava na ciência como ferramenta no combate a discriminação racial, o qual hoje poderíamos classificar como antirracismo.

Ao trazer Du Bois para esse momento da discussão quero chamar a atenção para o papel social que a música de lamento ocupa na interpretação deste autor e como pensar as suas raízes na atualidade por meio da música negra. O discurso das canções de lamento, pontuado por ele, são de tribulações, exílio, lutas, fugas, evocação de poder invisível e no

¹⁵ Canções de lamento corresponde as canções produzida por escravos durante o período da escravidão que expressava mensagem de dor, esperança, ensinamentos culturais, preservação, mas principalmente a de resistência e a ideia de um descanso ao chegar no final.

¹⁶ A concepção de linha de cor é do sociólogo W. E. B. Du Bois e trata de como a cor da pele é um marcador social para o sujeito negro.

final um pedido de descanso para o fim (Du Bois, 2021). Na observação destas temáticas podemos obter um panorama sobre a questão social e política vivenciada pela população escrava. Porém, um outro aspecto, que já foi apresentado neste capítulo, mas que é cabível reforçar, é como essa produção pode ter sido um meio de comunicação e preservação da história e cultura dos escravizados, ou seja, a mensagem articulada dos escravos nos proporciona aprendermos sobre esse período e a colaboração da sociedade negra na história social e cultural. A arte da música negra é resistência em ação que se reinventa. Apesar da dor, houveram jóias que vieram da escravidão e a música negra é uma dessas joias, por se fazer atemporal, dado o processo de reinvenção e a mensagem de representação social de resistência e valorização cultural e social para a população negra.

Dentre outras observações extraídas por Du Bois sobre as canções de lamento encontramos o sentimento do medo, conforme ele:

Sobre os pensamentos íntimos dos escravos e suas relações pessoais, é perceptível que a sombra do medo estava sempre presente. Mas do resto temos apenas vislumbres aqui e ali, misturados com silêncios e omissões eloquentes. As mães e as crianças são cantadas, mas quase nunca o pai; o exausto andarilho fugitivo pede clemência e afeição, mas pouco se fala de afeto e casamento; as rochas e as montanhas são bem conhecidas, mas não o lar (Du. Bois, 2021, p.309).

Ao identificar o medo nas canções de lamento isso permite observar o sentimento vivenciado pelos escravos, assim como pode ser notado elementos que compõem a cena social desses sujeitos. Portanto, o sentimento é uma das informações que pode ser mapeada ainda na música negra.

Na periferia brasileira as canções produzidas por artistas locais apresentam esse elemento que sobressai na arte musical produzida neste espaço. No verso da canção Vitória pros pretos (2020) de MC IG: *“E a favela vai acordar A vitória pros pretos já tá pra chegar Dias de luta, dias de glória E não pode parar”*. Encontramos o sentimento de acreditar na vitória dos pretos apesar das diversas interseções de opressões que é vivenciada por esse grupo social. No *hip hop* de outros países, de modo mais amplo na música negra esse é o discurso que continua (Collins, 2021). A mensagem articulada das canções de lamento ainda estão presentes na atualidade, e retomar a importância dessas expressão como meio formativo e comunicativo pode ser uma forma de preservação para história sociocultural e da memória, mas principalmente de mostrar que a participação da população negra não é apenas pelo trabalho escravo passivo. Ao verificar a mensagem da canção de lamento como esperança de melhorias apesar da dor e do sofrimento nas novas roupagens da música negra esse grito final que prevalece principalmente contra a discriminação racial.

Quanto ao intercâmbio cultural, analisado por Gilroy na abordagem da música negra, há uma continuidade dos passos dados na análise de Du Bois sobre as canções de lamento. Mas, quando nos juntamos com Collins podemos ampliar o alcance que podemos obter da relevância da música negra como representação social. Pois Collins notou, no *hip hop*, o papel da poesia na palavra falada como um intermédio de narrativas identitárias juvenis. Recorrendo a ela: “A palavra falada se torna um local de cura para as feridas provocadas pelas diferentes combinações de opressão” (Collins, 2021, p. 288). Então, a mensagem articulada da população negra em forma de arte pode ser fundamental na construção de uma identidade racial positiva por conter desabafo e enaltecer a cultura negra.

Embora devamos reconhecer que a música negra no mundo do atlântico negro passou por adaptações, conforme as circunstâncias, ainda assim busca manter a resistência como chama acesa no combate à discriminação racial. O que se traduz na mensagem de esperança identificada por Du Bois nas canções de lamentos, como por exemplo: “*Meu senhor me chama, Ele me chama através do trovão, A trombeta faz o chamado ressoar em minha alma*” (Trecho de *Steal Away*, apud, Du Bois, 2021, p.308) Pela letra, a canção retrata um estágio final da vida, e há uma expectativa que seja para um final melhor, pois é como se uma força maior o esteja tirando deste sofrimento. Em uma interseção com a letra da canção *Eu só quero é ser feliz* (1994) de Cidinho e Doca: “*Eu só quero é ser feliz Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é e poder me orgulhar E ter a consciência que o pobre tem seu lugar Fé em Deus, DJ*” (Cidinho; Doca, 1994) visualizamos que a esperança na força divina e a espera de um final melhor como algo presente nas duas canções. Além desses, podem ser encontradas em outras canções essas associações através da análise das letras, mas aqui pontuamos como a canção de lamento se fez uma mensagem articulada do escravo para o mundo. Ao retomarmos a Gonzalez (2020), pode ser uma forma de aplicar a categoria de amefricanidade.

De modo geral, o respectivo capítulo buscou explicar como a questão de pensar a música negra como meio de identidade racial para as juventudes foi formulada a partir das leituras dos autores citados. A começar por Gilroy (2012) que destacou o quanto a música negra é mais que um som. A música negra é parte da história social e cultural da população negra e carrega uma política de autenticidade que se reconstrói no decorrer dos períodos. Em Gilroy não é destacado, o quanto a música negra foi uma arte precursora no desenvolvimento de outros gêneros musicais. Collins (2021) ao relacionar o *hip hop* como categoria de análise pela interseccionalidade nos permite associar com a participação da juventude e a mensagem de uma política identitária. A qual aqui buscamos pensar numa identidade racial também.

Nas produções mencionadas de Moura (1988; 1992) e Nascimento (1978) neste capítulo, a música não apareceu como ponto central da discussão deles. Mas, por esses autores apresentarem em suas obras aqui citadas contribuição no debate que envolve história e cultura da população negra no Brasil, aproxima eles se fez fundamental para pensar como relacionar a música negra em nosso cenário social. Nascimento, por exemplo tem uma contribuição e preocupação da cultura como possibilidade de superar a discriminação racial que se efetivou em ação desde as suas obras artísticas até a produção científica, porém classificada como pensamento social. Moura enfatiza como a contribuição cultural enquanto resistência deu-se de forma preponderante para a formação social do Brasil. A música negra é arte que movimenta estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas. Até aqui você conseguiu obter como cheguei nesta pergunta, e as leituras que me conduziu a refletir sobre essa. Mas, agora os convido a conhecer o percurso metodológico que foi construído para responder a essa pergunta, ou melhor, como fiz.

PARTE II

3. ANÁLISE DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA DOS ARTIGOS SOBRE MÚSICA NEGRA COMO MEIO DE IDENTIDADE RACIAL PARA AS JUVENTUDES 2013-2024

O material analisado que compõe a revisão sistemática da literatura desta pesquisa é composto por 12 artigos acadêmicos científicos. Essas produções foram localizadas nas plataformas Google Acadêmico, Scielo Brasil e Artigos da Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELA Cult),¹⁷ a partir do recorte temporal de 2013-2024. O resultado dessa busca é exposto na tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Artigos coletado sobre música negra como meio de identidade racial para as juventudes 2013-2024	
Tipo de produção	Número das produções
Artigos Google Acadêmico	7
Artigos Scielo Brasil	3
Artigos de Revistas	2
Total	12

Fonte: Elaboração própria

Através dos dados da tabela 1 conseguimos identificar essas produções distribuídas da seguinte forma: Artigos Google Acadêmico 5, Artigos Scielo Brasil 5 e Artigos de Revistas 2, ou seja, a soma do material de 12 produções. A princípio essa pesquisa considerou abarcar dissertações e teses. No caso das dissertações foram localizadas 6 e nenhuma tese. No entanto, o resultado das análises das dissertações não constam nesta pesquisa, dado o tempo para finalizar a redação deste trabalho, mas desponta como possibilidade potencial de continuidade para ampliar esse estudo com outras reflexões. A seguinte tabela 2 apresenta os títulos, autores e ano de publicação dos artigos científicos selecionados para essa revisão sistemática da literatura.

¹⁷ Google acadêmico, disponível em: <https://scholar.google.com/?hl=pt-BR>; Scielo Brasil, disponível em: <https://www.scielo.br/>; Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELA Cult), disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult>.

Tabela - 2 Títulos, autores, plataforma de localização e ano de publicação dos artigos selecionados para revisão sistemática da literatura de música negra como meio de identidade racial para as juventudes 2013-2024

Título do artigo	Autores	Plataforma	Ano de publicação
1. Juventude negra e movimentos culturais de resistência: interfaces com o Maracatu Nação Iracema em Fortaleza/CE	Letícia Sampaio Pequeno	Google Acadêmico	2013
2. Representações da identidade negra nas músicas do bloco Afro Ilê Aiyê	Edmilson de Sena Moraes	Google Acadêmico	2015
3. “Sonha colorido e adivinha em preto e branco” identidade negra na música popular brasileira a partir do final da década de 60	Kênia Érica Gusmão Medeiros	Google Acadêmico	2015
4. Experiências midiáticas e identidades culturais no <i>hip hop</i> : saberes e fazeres femininos negros	Célia Regina da Silva	Google Acadêmico	2015
5. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula	Ana Claudia Florindo Fernandes; Raquel Martins; Rosângela Paulino de Oliveira	Scielo Brasil	2016
6. Cultura juvenil e escola: o funk como ferramenta pedagógica e de identidade da juventude negra carioca	Claudia Ribeiro; Carlos Henrique dos Santos Martins	Google Acadêmico	2018
7. Um mapa das relações entre o rap das periferias de São Paulo e o samba	Walter Garcia	Scielo Brasil	2018

8. A rua dos pretos: identidade, cultura e resistência da juventude negra em Belém do Pará	Mailson Lima Nazaré; Rainan Pompeu Gomes; Assunção José Pureza Amaral	Google Acadêmico	2020
9. Contribuições históricas do Movimento <i>Hip Hop</i> para a luta contra o racismo a comunicação da juventude negra periférica	Pablo Nabarrette Bastos	Google Acadêmico	2020
10. Jovens do samba: as construções identitárias negras no carnaval de rua Bagé RS	Nilton Silva dos Santos; Rafael Rosa da Silva	Site da Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELA Cult)	2021
11. O <i>Rap</i> é preto: narrativas e discursos que nos expressam	Eliana Cristina Pereira Santos; Janaína de Jesus Lopes Santana	Site da Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELA Cult)	2021
12. Black Rio: música, política e identidade negra	Petrônio Domingues; Carlos Alberto Medeiros	Scielo Brasil	2024

Fonte: Elaboração própria

As informações da tabela 2 apresenta os títulos dos materiais analisados para o desenvolvimento desta pesquisa, os autores, a plataforma onde a produção foi localizada e o ano da publicação. Em 2015 foi o ano em que foi encontrado um maior número de produção, um total de 3. O segundo maior número de artigos foi nos anos de 2018, 2020 e 2021. Apesar de que em 2015 houve um número maior de publicações, mas nos anos seguintes esse número não se manteve. Pois, outras produções que se relacionam com a proposta da música negra como meio de identidade racial para as juventudes só foram encontradas no ano de 2018. O que chama a atenção sobre os autores desses artigos é que há mais homens em comparação às mulheres. E o único artigo que dialoga com a perspectiva de gênero feminino na música negra foi o de uma mulher.

A música negra como meio de identidade racial para as juventudes foi observada, a partir de diversos matizes na análise dos artigos. Os temas centrais mapeados neste material se articulam em torno dos seguintes eixos: identidade negra, *hip hop* e gênero, a música negra como ferramenta de ensino, manifestação cultural e resistência, *rap*, e conexões com outros gêneros de origem afro. Em todas as abordagens a categoria social juventude aparece na discussão. Deste modo, há possibilidade de desenvolver relação com a questão norteadora deste trabalho de compreender a música negra como meio de identidade racial para as juventudes, porque o material analisado aborda experiências de manifestações culturais que envolvem experiências e práticas sociais desse grupo social nesta cena. Nos subtópicos seguintes os artigos utilizados neste levantamento bibliográfico serão apresentados conforme os eixos destacados anteriormente em que se relacionam.

3.1 A identidade negra e representação social

O tema da identidade negra e representação social ocupa um lugar central nos quatro artigos deste subtópico. Mas, entre essas produções temos particularidade das análises, o qual nos permite identificar o sentido da identidade negra e da representação social de forma distintas socialmente. A respeito da representação social nessas obras há articulação pelo valor social, cultural e histórico que essas práticas desempenharam para os envolvidos, e aos que são externos a essa, há a possibilidade de aprender sobre os seus sentidos e romper com estereótipos sociais.

A produção de Emilson Morais: *Representações da identidade negra nas músicas do bloco Afro Ilê Aiyê (2015)*, discute como as representações da identidade negra são observadas nas músicas do bloco Afro Ilê Aiyê. A identidade é entendida pelo autor como a forma dos sujeitos verem a si mesmos e existirem no mundo, explorando uma dinâmica de alteridade. Ou seja, o entendimento do ser humano como um constructo cultural pelas relações deste com o seu grupo social. As representações de mundo nesta produção são expostas como decorrência das relações sócio-histórico-culturais que são elaboradas pelos grupos sociais. Com base neste pressuposto, neste artigo encontramos uma análise da representação do mundo e da identidade negra presente nas letras das canções do Bloco Afro Ilê Aiyê, gravada no CD Ilê Aiyê 25 anos.

A concepção de identidade cultural neste trabalho é construída a partir dos Estudos Culturais (Hall, 1992, 2011; Woodward, 2000).¹⁸ Ou seja, na discussão da identidade cultural esses autores compõe o quadro teórico. A respeito da teoria das Representações Sociais com enfoque da psicanálise (Moscovici, 1978).¹⁹ A referência da metodologia foi a de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Essa produção é dividida em três seções: A primeira *Identidade: representações do modo de ser, ver, pensar, agir estar no mundo*, nesta seção é exposto como a identidade representa a nossa constituição de existência socialmente. A segunda *Identidade negra: uma construção política-cultural*, aborda que a construção da identidade negra diante do contexto histórico experienciado por esse grupo social carrega uma mensagem de construção política e cultural, tendo em vista a denegação que foi vivenciada por eles. A terceira: *A música negra afro baiana: linguagem de autoafirmação identitária* discorre como o objeto analisado pode ser observado como parte da representação da identidade para a população negra.

A relação de música negra como meio de identidade racial para as juventudes neste trabalho pode ser relacionada à construção da identidade negra, porque o autor destaca o quanto essa produção pode contribuir na autoafirmação e autoestima para jovens negros no debate das relações raciais. Mas, acredito, que essa discussão possa provocar a pensar também sobre quem são esses sujeitos que atuam na cena desta manifestação artística e cultural; seja como o produtor ou receptor, o qual a categoria juventudes tem um papel de impacto, já que estão inseridos como parte desse processo. Desde então, essa produção permite que possamos associar com essa pesquisa, embora deva ser reconhecido que a discussão de juventudes esteja nas entrelinhas e não ocupe um ponto central nesta produção.

Já o artigo de Kênia Medeiros, “*Sonha colorido e adivinha em preto e branco*” *identidade negra na música popular brasileira a partir do final da década de 60* (2015), tem como elemento chave explicar os sentidos e representações de consciência e politização da cultura negra no samba nas obras (letras) dos compositores Paulinho da Viola, Nei Lopes e Candeia. A metodologia empregada pela autora foi a interpretação das letras e de referências teóricas ligadas à história cultural. Nesta produção o contexto histórico é delimitado no final da década de 1960 até 1980 no Brasil, período em que emergiram diversas influências musicais como o *Rock and roll*, a *Soul Music*, o Tropicalismo, dentre outros. Quanto aos

¹⁸ Stuart Hall - **A identidade cultural na pós-modernidade** (1992) e K. Woodward - *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (2000).

¹⁹ S. Moscovici - **A representação social da psicanálise** (1978).

autores que aparecem nesta na produção são: Napolitano (2005), Paranhos, (2003) e Pereira (2013).²⁰

O único tópico desta produção apresenta como temática o *Samba engajado*. Neste tópico se elucida que o samba é um gênero musical brasileiro, e assim como outros gêneros musicais passou por mudanças durante a história. Além das mudanças que essa manifestação artística sofreu, os embates simbólicos e ideológicos são marcas desta arte musical. A canção engajada que apareceu de forma forte na década de 1960 abordava temas diretamente políticos. A questão racial foi analisada pela autora na obra de Paulinho da Viola, Nei Lopes e Candeia a partir de alguns recortes e trechos.

Em uma tentativa direta de associar essa produção considerando a música negra como meio de identidade racial para as juventudes não é perceptível. Mas, tomando como pressuposto que a autora destaca as relações entre juventude como consumidora de música, ou seja, um público alvo de ação, como produtora ou receptora, podemos associar possíveis demarcação da juventude envolvida neste cenário. Por outro lado, o samba é classificado como música negra e representa socialmente uma forma de se fazer visto no mundo através de uma manifestação artística; mas além da arte pode haver uma mensagem de valorização, denúncia e que pode demonstrar os choques culturais e discriminações vivenciada pelos envolvidos.

Essa produção desponta como possibilidade de refletir quem são os sujeitos que fazem parte deste processo e o que emitem em sua expressão artística que se relaciona com a sua representação social. Assim, através da mensagem do samba de engajamento da década de 1960 há uma contribuição válida para pensar as juventudes na construção de uma identidade racial pela música negra. Pois, neste momento houve diversas manifestações artísticas que foram neste sentido, como por exemplo os *Bailes Black*.

A produção de Petrônio Domingues e Carlos Alberto Medeiros *Black Rio: música, política e identidade negra* (2024), examinou a representação da *Black Rio* que foram os bailes *soul* que ocorreram no Brasil, na década de 1970, especialmente no Rio de Janeiro, com a participação de jovens negros. A proposta deste trabalho também se desdobrou na apresentação dos discursos de controvérsias por parte da imprensa e a perseguição que o movimento sofreu por órgãos de repressão da ditadura militar. O artigo destaca a importância da *Black Rio* como um discurso de afirmação da negritude que pode ser conectado à rede

²⁰ Marcos Napolitano - **História & música:** História cultural da música popular (2005); Adalberto Paranhos - **A invenção do Brasil como terra do samba:** os sambistas e sua afirmação social (2003); Cristiane Pereira - **Um canto de raça fazendo gênero:** samba e enredos identitários na discografia de Leci Brandão (2013).

transnacional da afrodíaspóra, ocasionando um debate público sobre as relações raciais. Assim, destaca a contribuição da *Black Rio* no processo de ressignificação e identidade afro-brasileira.

O artigo se divide em quatro partes, sendo a primeira parte: *Origens*, a qual apresenta formação dos bailes em outros países e do gênero musical *jazz* e *soul* como influência. O *soul* no Brasil é explicado como gênero musical que adveio desse movimento transnacional e multilinguístico que percorreu toda à América Latina. A segunda parte: *Os bailes*, destaca que o início desses eventos no Brasil ocorreu na Zona Norte do Rio de Janeiro. Esses espaços, eram meio de lazer e sociabilidade, com a presença de jovens afrodescendentes que também levavam o seu estilo nas vestes e cabelos. Com base na concepção de Luciana Oliveira²¹, foram enfatizados os espaços dos bailes como possibilidade de agência cultural e política. No decorrer dos anos, esses bailes passaram a ser uma forma de discutir o processo de racialização e a discriminação racial.

A terceira parte: *Na mira da Direita e da Esquerda*, apresenta uma exposição de como o sucesso do *soul* no Brasil durante a ditadura militar se tornou uma preocupação pela ala mais conservadora da elite brasileira que defendia a democracia racial. Pois, o movimento provocado pelo *soul*, ao tratar da discriminação e valorização racial, se contrapôs aos ideais políticos deste cenário. A quarta parte: *Vigilância e repressão*, discorre a respeito da ação dos aparelhos estatais brasileiros que atuaram na perseguição aos bailes. Assim como a perseguição dos artistas da *soul music*, e a crise que afetou esse gênero musical. A superexposição da *Black Rio* por parte da mídia e do mercado musical foi apontada como uma das razões para o declínio desse gênero musical no Brasil.

Embora essa produção trate de uma experiência histórica sobre a *Black Rio*, podemos identificar a participação por parte de jovens afro-brasileiros como fundamental na difusão deste movimento, pois era o espaço frequentado e organizado por este grupo social. Dado o contexto histórico vivenciado politicamente e socialmente, o movimento da *Black Rio* assim como o da *soul music* no Brasil pode ser entendido como uma contracultura, pois os valores, normas e estilos se opõem à cultura dominante. Os eventos promovidos pela *Black Rio* estimularam a valorização de uma identidade racial, assim como na organização de ações para romper com a discriminação racial. Os jovens negros estavam nesta vanguarda.

A produção *Jovens do samba: as construções identitárias negras no carnaval de rua Bagé RS (2021)* de Nilton dos Santos e Rafael da Silva, apresenta a observação de uma

²¹ Luciana Xavier de Oliveira - **A cena musical da Black Rio: estilo e mediações nos bailes soul dos anos 1970** (2018).

experiência etnográfica na cidade de Bagé, no interior do estado do Rio Grande do Sul, de jovens negros que atuam na cena do samba no carnaval. O objetivo da pesquisa é descrever acerca das representações identitárias negras que são forjadas por esses jovens músicos desta localidade. A questão da concepção usada por parte dos autores foi para explicar que esse gênero musical não é típico deste local, mas como uma prática cultural que foi incorporada. No entanto, a análise considera que, por ser uma região definida como periférica, e por esse grupo social ser composto por uma população negra, pode se construir uma identidade racial negra positiva. A narrativa é fortalecida com base em entrevistas que foram realizadas com os interlocutores.

O desenvolvimento do artigo é construído por dois tópicos, sendo esses: *Construções identitárias em territórios de periferia*, no qual a discussão levanta como a análise do trabalho pode romper com estereótipos das práticas carnavalescas da historiografia gaúcha. Porque a contribuição da população afro-brasileira não é muito tratada em Bagé, com esse trabalho pode ser percebido que há contribuição importante já que essas práticas culturais negras podem ser comparadas com a de outras periferias brasileiras. Também se discute a relação de identidade associada com o tempo e o espaço para os grupos sociais. No tópico: *Jovens do samba: música e construções identitárias*, os autores descrevem a presença das juventudes nos festejos deste local, seja como folião, organizadores ou músicos. O artigo foi trabalhado com os relatos dos jovens músicos que atuam neste cenário. O relato de Xexél, um dos músicos entrevistados, destaca que a música foi um meio de construção da sua identidade racial, aponta para o conflito de geração e o quanto essa sociabilidade representa uma forma de oportunidade para os jovens deste local. Essa observação dele se relaciona com outras questões apresentadas no artigo, assim como com outros temas que aparecem neste trabalho.

A partir desta experiência etnográfica do carnaval de rua em Bagé, podemos perceber a relação dos jovens músicos de samba como um meio de construção de identidade racial. Essa identidade racial pode ser positiva, no sentido de valorização cultural e racial para a população negra. Assim como pode nos trazer o questionamento de pensar qual a motivação dos jovens que acompanham esse som? Seria apenas a sociabilidade, a oportunidade ou também uma relação identitária? Essas são questões que poderiam ser pensadas em outras abordagens sobre a música negra. Um outro aspecto que esse trabalho permite que seja refletido é o quanto o movimento migratório da população negra se faz presente em diversos locais no Brasil, ou seja, a diáspora. A cultura brasileira negra em movimento como é apresentado por Moura (1989), sobre a história do negro no Brasil. Por outro lado, o quanto a

manifestação cultural negra é presente nos espaços periféricos e as suas histórias não são exploradas de forma que forneça elementos para romper com os estereótipos sociais.

Esses trabalhos têm como ponto comum a identidade negra construída socialmente por práticas e experiências culturais através da música negra. O que permite pensar a importância da identidade para além de um elemento que identifique um grupo, mas que serve como uma forma de combate a opressão e de reivindicação cultural, política e de valorização socialmente para o mesmo (Collins, 2021). No caso das produções encontramos esse elemento de construção social de forma positiva para a população negra que passou por um processo histórico brasileiro de genocídio cultural (Nascimento, 1978). Devemos reconhecer a pluralidade de cada uma dessas expressões artísticas e culturais, assim como o seu sentido para entendermos a identidade racial.

3.2 *Hip hop* e gênero

Esse subtópico é composto por dois artigos que têm como elemento comum o gênero musical *hip hop* e a relação de gênero feminino. Mas, no caso, a discussão do gênero feminino só aparece em um artigo, logo o ponto de associação entre as produções é o gênero musical *hip hop*. O que pode ser chamado a atenção na relação das duas obras é a ênfase dada ao *hip hop* como configuração de um movimento social com pautas comuns para além da arte, do som e da sociabilidade.

O estudo de Célia da Silva: *Experiências midiáticas e identidades culturais no hip hop: saberes e fazeres femininos negros* (2015), apresentado no artigo foi resultado de uma investigação de experiência de formação identitária por meio de ferramentas tecnológicas de um grupo de mulheres jovens do movimento *hip hop*. A questão norteadora da investigação foi a de entender como as mulheres lidam com essas ferramentas de conteúdo musical, social e tecnológico. Com isso, essa pesquisa destacou a contribuição da Tecnologia da Comunicação e Informação (TICs), como possível de sociabilidade. A cultura do *hip hop* nas periferias urbanas de cidades brasileiras a partir das produções realizadas por mulheres de letras de músicas, grafites, estéticas que a identifica como comunidade grupo cultural, geracional e étnico racial.

A estrutura do texto é composta por quatro partes. O primeiro tópico é *Narrativa de ginga*, o qual desempenha a função de introduzir as ações das interlocutoras envolvidas no trabalho por suas implicações. O segundo tópico é *Poiésis na perifa*, nesta parte é destacado a história e origem do *hip hop* na periferia e sua relação com juventudes e a posição das

mulheres nesta expressão artística e cultural. No terceiro tópico *Femininas falas*, a abordagem é centrada na atuação das jovens mulheres no *hip hop* e na tecnologia. O quarto tópico, *Na rede das minas*, é apresentado o uso das ferramentas da internet, com ênfase no blog, que são o objeto de análise da investigação e o potencial de comunicação desta ferramenta. Dentre alguns autores com os quais a autora dialoga neste trabalho estão Gilroy (2001), Dayrell (2005).²²

A importância desta produção para essa pesquisa é que tratar sobre a experiência midiáticas e identidades no *hip hop* com base em saberes e o fazer femininos negros permite relacionar a música negra como meio de identidade racial. Pois, as experiências desta produção levam em consideração a de jovens mulheres da periferia, mas também abre possibilidade para pensar sobre a identidade da música negra pelo *hip hop* especificamente para as jovens mulheres. Desde então, essa produção não apenas contribui com a questão proposta nesta pesquisa, mas aponta para a possibilidade de estratificação da categoria social ao adicionar a de jovens mulheres e o papel da tecnologia.

Já a análise da produção de Pablo Bastos: *Contribuições históricas do Movimento Hip Hop para a luta contra o racismo a comunicação da juventude negra periférica* (2020), apresenta imbricações históricas do Movimento Negro e do Movimento Hip Hop do ABC Paulista, nas proximidades da cidade de São Paulo. A pesquisa se constrói a partir das narrativas de vida de intelectuais, classificados como orgânicos, da primeira e da segunda geração do *hip hop*. A metodologia desta pesquisa é de caráter qualitativo com combinação de análises históricas e a pesquisa de campo com inspiração etnográfica. Contudo a produção busca uma relação entre os Movimentos Negros e o Movimento Hip Hop para pensar sobre a luta contra o racismo e a construção de uma identidade étnico racial e a comunicação da juventude negra periférica.

O desenvolvimento do artigo é composto pelos seguintes tópicos: *Hip Hop: movimento social negro e juvenil*, no qual é explicado como o *hip hop* se constitui enquanto movimento juvenil, com base em trabalhos acadêmicos e científicos que discutem a temática. O trabalho classificado como pioneiro no estudo sobre o *hip hop* no Brasil, que é a dissertação de mestrado: *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*, de Elaine Nunes de Andrade, defendida em 1996, é mencionado, dentre outros que tratam do assunto. Através dessa discussão a proposta é entender a relação e o contexto histórico e social para refletir como a constituição do movimento social negro e juvenil foi construída. O tópico: *Breve histórico do movimento negro brasileiro*, têm

²² Juarez Dayrell - **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventudes** (2005)

informações sobre o movimento e a aproximação com elementos culturais, pois é a partir desta associação que esses movimentos podem ser pensados. A composição deste tópico apresenta além de aspectos históricos, narrativas de sujeitos que vivenciaram esse contexto histórico. No tópico seguinte: *Movimento Hip Hop do ABC Paulista: o início do Hip Hop e da Posse Hausa em São Paulo Bernardo do Campo*, são apresentadas informações sobre o objeto analisado pela organização, espaço de sociabilidade e o caráter formativo do Movimento Hip Hop.

Com base na discussão desta produção podemos pontuar que o Movimento Hip Hop pode ser uma expressão cultural e de sociabilidade para as juventudes na periferia. Mas, também assume um papel político no combate a discriminação racial, e em defesa da valorização de uma identidade racial. Pois, podemos observar isso na sua organização como movimento social e a sua associação com os Movimentos Negros que, no decorrer da história, abraçam essas pautas.

A possibilidade na discussão dos trabalhos que tratam sobre o *hip hop* levanta a possibilidade de entender esse gênero musical para além de um som. Em Bastos (2020), essa expressão artística tem a finalidade de um movimento com pauta comum e ligado como uma ação social e local, mas que decorreu de um movimento cultural conforme é destacado por Gilroy (2012) na categoria do Atlântico negro que entende que ocorreu com a escravidão. O estudo de Célia da Silva (2015), sobre as experiências midiáticas de mulheres no *hip hop* aponta para o papel destas como produtoras e nos eventos, o que poderia ser uma forma de instigar o desenvolvimento de pesquisas sobre mulheres na música negra. Ainda assim encontramos nesses trabalhos como ponto comum o *hip hop* e a leitura desse como movimento social e cultural o qual também defende a identidade racial, mas com a particularidade de pensar o *hip hop* e a questão de gênero.

3.3 Música negra como ferramenta de ensino

A música negra como ferramenta de ensino é apresentada em dois artigos. Em uma produção a experiência foi com o *funk* e na outra com o *rap*. O uso dos gêneros musicais em sala de aula é apontado como elemento do consumo cultural e da sociabilidade das juventudes, algo que se faz relevante com a proposta da educação que assegura o direito à cultura seja pela Constituição Federal de 1988 ou por outros estatutos. Mas, ao trabalhar com expressões artísticas que durante o processo histórico foi marcado pelo racismo cultural desponta a possibilidade de combater a discriminação racial.

O artigo: *Cultura juvenil e escola: o funk como ferramenta pedagógica e de identidade da juventude negra carioca* (2018), de Claudia Ribeiro; Carlos Henrique dos Santos Martins, tem como premissa que o movimento cultural *funk* é uma expressão artística importante no cenário cultural do Rio de Janeiro, pois pode se constituir como possibilidade de valorização de conhecimento trazido por jovens para o espaço escolar. Além disso, indica como este movimento cultural pode atuar como uma ferramenta pedagógica que fomenta a aplicação da Lei 10.639/2003²³, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino. Mas, essa produção também problematiza a articulação do *funk* com o racismo brasileiro e as suas tensões, pois se entende que o gênero musical emergiu de parte de um grupo social que historicamente foi excluído. A pretensão desta produção foi de apresentar a valorização da vivência sociocultural e o potencial identitário que, na concepção dos autores, é invisibilizado na Escola. Pois, ao recorrermos a discussão de Nascimento (1978), essa invisibilização da cultura negra é um projeto de genocídio deste grupo social.

O desenvolvimento do artigo consta dos respectivos tópicos: *A Escola, a Lei 10.639/2003 e as culturas juvenis*. Neste primeiro tópico os autores apresentam como o *funk*, enquanto movimento cultural, se fez parte da realidade juvenil e circula no espaço escolar. Ao relacionar com a proposta da Lei 10.639/2003 pode contribuir em ações antirracistas. O segundo tópico *A estética do funk: os processos de demonização, ascensão midiática e a relação com o racismo*, esse apresenta elementos da construção social que contribuiu com uma visão pejorativa do *funk* socialmente. Então questões relacionadas com a história social e cultural são argumentos aplicados nesta discussão. *Para de caô!/: o funk como expressão da cultura juvenil negra carioca é o tópico seguinte*. Nesta terceira parte são apresentados elementos de como essa manifestação cultural é parte da sociabilidade da juventude e possível na mobilidade social e carreira profissional. Assim, como se reforça o quanto esse movimento cultural é juvenil, ou seja, a Escola ao considerar isso pode colaborar no entendimento de subjetividades e o reconhecimento de identidades.

Essa produção se faz necessária porque também destaca o quanto esse movimento cultural e artístico pode ser usado em ambientes escolares. Ao mesmo tempo, isso pode ser efetivado no cumprimento da Lei 10.639/2003, de valorização da cultura afro-brasileira, e de romper com o racismo cultural que há por exemplo sobre o *funk*. E se há a reprodução da

²³ A Lei 10.639/2003 foi o instrumento legal que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história afro-brasileira como forma de valorização da contribuição cultural da população negra, uma demanda do Movimento Negro Unificado desde da década de 1988, mas que se consolidou com essa lei.

discriminação racial na cultura, não devemos simplesmente “naturalizar”, é preciso assumirmos um papel de responsabilidade social em combater essas ações.

Já a produção *Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula* (2016) de Ana Claudia Florindo Fernandes; Raquel Martins; Rosângela Paulino de Oliveira, tem como finalidade analisar a utilização do *Rap* nacional como ferramenta de ensino. Por sua estética e discurso como meio de problematizar para os jovens sobre a história da escravidão no Brasil. Assim como a disseminação do preconceito racial na sociedade brasileira. As experiências relatadas foram de pesquisas de campo sobre as oficinas ministradas através de um Projeto de Políticas Públicas. De modo geral, a proposta foi entender como o *rap* enquanto oralidade, enquanto música e expressividade corporal pode ser favorável na construção de identidade para os jovens afrodescendentes da periferia de São Paulo.

As atividades foram realizadas com jovens de 13 a 15 anos de idade. A proposta era problematizar o sujeito periférico e marginalizado mediante o contexto sócio-histórico pelo *rap* nacional. O principal objetivo das ações desenvolvidas com esse grupo social pretendia que o grupo pensasse criticamente sobre a condição social e existencial que estão inseridos. A produção, em seu desenvolvimento, está dividida em três subtópicos. O primeiro: *Experiências em sala de aula: oralidade, poesia e rimas*, detalha que o trabalho se desenvolveu com a ideia de letramento como um processo sócio-histórico no qual a oralidade e a escrita assumem atividade central na interação verbal. O segundo: *Na oralidade do rap: a voz e a vez da periferia*, deu ênfase ao papel do rap como instrumento de comunicação na periferia, pois as palavras têm sentidos, e, neste caso, por promover também a rememoração de ancestralidade africana. Esse segundo tópico faz um diálogo com a história da comunicação socialmente de forma simultânea com o período clássico até os dias atuais da escrita da obra. O terceiro tópico: *Estética do rap e sua relevância para a afirmação da identidade do adolescente afrodescendente*, discorre que a respeito da música brasileira há uma herança da cultura africana. Por isso o *rap* nacional pode ser associado como parte desta herança, mas também capaz de cooperar com a formação de uma identidade afrodescendente. Autores como Adorno (1995)²⁴, Hall (2014)²⁵ e Gilroy (2001)²⁶ são mencionados na discussão.

²⁴ Theodore Adorno - **Educação e emancipação** (1995).

²⁵ A obra de Hall mencionada é **A identidade cultural na pós-modernidade** (2014).

²⁶ A obra de Gilroy mencionada é **O Atlântico negro**, mas a edição é a de 2001.

Essa pesquisa trata como a música negra pode ser um meio para construção da identidade racial para as juventudes. Ainda assim, dada a experiência como a desse trabalho, que tem um recorte com um gênero musical o *rap* nacional, isso desponta como possibilidade para outras pesquisas para entender a particularidade desse evento. No entanto, outra contribuição que esse trabalho apresenta é o *rap* nacional utilizado como estratégia de ensino, o que pode ser ampliado para além da periferia por valorizar a manifestação cultural negra. Embora seja válido mencionar que o *rap* nacional possa gerar um outro tipo de debate, com a configuração de um gênero musical nacional.

Os artigos que apontam para o uso da música negra como ferramenta de ensino abordam como esse material pode ser aplicado na sala de aula para a valorização da cultura afro-brasileira, assim como no combate à discriminação racial. O que também pode ser uma forma de efetivação da Lei 10.639/2003 de ensino a história e cultura afro-brasileira. Além da valorização histórica e cultural pode ser uma forma de rompermos com estereótipos sociais que temos em relação às expressões artísticas e culturais de origem negra. Afinal, é entendendo sobre o sentido das práticas a partir da experiência do grupo que a consome que podemos iniciar esse processo de ruptura com o preconceito social e racial.

3.4 Manifestação cultural e resistência

Na discussão sobre manifestação cultural e resistência se enquadram dois artigos desta revisão sistemática da literatura. Em um desses artigos a abordagem é a partir da experiência de uma rua da cidade de Belém do Pará. No caso da segunda é de um movimento cultural de maracatu, no qual a manifestação cultural e a resistência ocupam lugar central no título das obras.

O trabalho *A rua dos pretos: identidade, cultura e resistência da juventude negra em Belém do Pará* (2020) de Mailson Nazaré, Rainan Gomes e Assunção Amaral discute a sociabilidade da juventude negra na Rua dos Pretos, localizada na cidade de Belém, Pará. A questão racial, identidade e resistência da juventude negra para refletir sobre a afirmação de sua cultura são colocados como objeto que constitui a análise. A intenção dos autores é investigar quais as manifestações culturais são desenvolvidas por jovens negros na comunidade Rua dos Pretos. A produção faz diálogo com autores como Munanga (2004); Brandão (2009); Salles (2005); Rosseau e Reese (2009).²⁷

²⁷ Kabengele Munanga - *A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil* (2004); Carlos Rodrigues Brandão - *Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares* (2009); Vicente Salles - *O negro no*

Quanto ao desenvolvimento do artigo são apresentados os seguintes tópicos: *Aspectos locais e questões raciais na “Rua dos Pretos”*, no qual os autores expõem aspectos históricos, sociais e culturais que caracterizam a questão racial no local. Além disso, algumas fotografias do local aparecem na produção para demonstrar o que é descrito por esses. O tópico: *Práticas culturais, quilombo urbano e a “Rua dos Pretos”*, descreve as atividades culturais que foram observadas no espaço. Assim, como os autores entendem que isso possa ser denominado como um quilombo urbano, ou seja, o encontro de grupo social demarcado por raça, mas que usa da resistência para a sociabilidade e mantém viva a história da população negra no ambiente. No artigo se identifica como a música negra no caso do *reggae*, na Rua dos Pretos pode ser entendido como elemento da diáspora de gerações anteriores. Os autores descrevem que esse gênero musical é classificado no local como prática cultural de interseção, pois desenvolve práticas educativas e de sociabilidade que fortalece a afirmação identitária negra.

Esse trabalho é importante porque sugere que, através da música consumida em um local, que não é um som que apenas se toca, mas como parte da história social e cultural da sociedade. A experiência do *reggae* na Rua dos Pretos se enquadra nesse quesito. Mas, também pensar o som musical como sociabilidade de um grupo social, o qual neste caso pode ser compreendido como forma de afirmação e valorização de uma identidade apesar dos desafios diários vivenciados por esses. Por outro lado, essa afirmação de identidade das ações culturais neste local decorreu de práticas educativas sócio cultural entre os grupos sociais envolvidos.

O artigo *Juventude negra e movimentos culturais de resistência: interfaces com o Maracatu Nação Iracema em Fortaleza/CE (2013)* de Leticia Pequeno, tem uma discussão com base na categoria de juventude, como elemento importante para compreender os dilemas da contemporaneidade, porque apresenta reflexão a respeito das experiências sócio-culturais e resistências. Com base nisso, ela classifica que a juventude pode desempenhar um papel de protagonismo. A autora busca analisar como isso pode ser observado em movimentos culturais como o maracatu, dada a sua origem de cultura afro. Esse trabalho foi realizado no Jardim Iracema, bairro periférico da cidade de Fortaleza. Entende-se que essa manifestação cultural possa contribuir para a valorização do ser negro.

A metodologia aplicada na produção deste artigo foi a observação participante, enquanto estratégia para a pesquisa de campo, em que buscou entender como o jovem negro, participante do maracatu, desenvolve a sua identificação (ou não) com a negritude através

dessa prática cultural. Essa pesquisa resultou de um Projeto de Iniciação Científica. O trabalho é dividido em três partes. A primeira parte: *Sobre a Associação Cultural e Educacional Afrobrasileira Nação Iracema*, apresenta informações sobre a organização e atividades desenvolvidas por essa. A segunda parte: *Juventude negra e maracatu: interfaces com a negritude*, consta um diagnóstico da importância da juventude como categoria social. Além disso, há uma relação sobre a presença da juventude negra e o maracatu na observação do campo da pesquisa. A terceira parte: *Construção das análises preliminares - percurso metodológico*, aponta para o referencial teórico e metodológico da pesquisa como Minayo (2008),²⁸ e como esse foi organizado para ser observado e relacionado com o campo da pesquisa.

Esse trabalho trata sobre o maracatu, que é uma manifestação cultural artística. Mas, essa expressão cultural envolve música e dispõe da possibilidade de relacionar experiência de juventude negra com identidade racial. Ao identificar a importância de uma Associação Cultural, pode ser ampliado essa visão para que possamos pensar movimentos sociais e coletivos com esses fins. Porém, no decorrer do artigo há muito uso dessas organizações culturais como movimentos sociais. O envolvimento da juventude com essa arte estimula a refletir como esse grupo social atua na valorização e conservação desta prática cultural, ao mesmo tempo tem um papel formativo.

As produções têm como ponto que se ligam a manifestação cultural e resistência das juventudes desses locais que se expressam através da música negra com outras expressões. Pois, o maracatu se configura como uma prática cultural que envolve música e não é diretamente um gênero musical. A rua dos pretos representa o espaço de sociabilidade para as juventudes neste local que se relaciona com a arte musical, mas que se constitui por uma história que perpassa por gerações e adveio de um movimento da diáspora, ou para enfatizarmos os termos de Gilroy, em *O atlântico negro*. Esse tipo de movimentação pode nos lembrar o que Collins apontava para a disseminação do *hip hop* por outros grupos sociais em outros locais.

3.5 Rap e conexões com outros gêneros musicais de origem afro

Dentre as produções que aparecem neste subtópico temos duas. A primeira apresenta um mapa das relações do *rap* da periferia de São Paulo e o samba. O segundo artigo apresenta

²⁸ Cecília de Souza Minayo - **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** (2008).

questões históricas do *rap* como um gênero musical preto que decorreu de um movimento cultural de conexão com outras expressões artísticas e culturais de origem afro musical. Ao recorrer a Gilroy (2012), o mesmo entende que desse movimento as variantes musicais têm particularidade. A reflexão dessas conexões nas experiências das produções pode nos permitir perceber essas variações.

O objetivo do artigo *Um mapa das relações entre o rap das periferias de São Paulo e o samba* (2018) de Walter Garcia foi mapear as relações entre o *rap* produzido na cidade de São Paulo e o samba produzido desde a década de 1990. De imediato algumas considerações foram apontadas para estabelecer essas relações como a de identificar o samba na formação musical de MCs e DJs. A presença dos gêneros nos bailes *black*. A função política e social da música nos momentos de lazer na periferia. O surgimento de canções que fundiram esta relação do samba e do *rap*. As questões dos conflitos entre os gêneros musicais são marcadas por etnia, ideologia, seja de mercado ou gênero. A noção de que no pagode e no *rap* há uma identidade masculina negra na periferia.

Esse artigo é dividido nos tópicos: *Ouvindo rádio, tocando na lata*, no qual apresenta a influência do samba na vida de MCs renomados como Mano Brown. O tópico: *Equipes de baile, gravadora*, apresenta como o baile *black* desempenhou um importante papel na circulação musical e depois como as gravadoras promoveram alterações apesar de ampliar o alcance de algumas canções. “*O Samba aquece e o Rap domina*” apresenta um balanço de como o samba foi pioneiro para o som da periferia, mas o *rap* se expandiu nesses espaços. “*Pra onde vou, fui e vim*”, descreve trabalhos dos artistas que buscaram juntar os dois gêneros musicais, ou seja, o que podemos compreender como intextualidade musical. O tópico “*Fio de navalha*”, discorre que o samba e o *rap* são formas de sociabilidade de consciência negras e periféricas. Então, a sua origem é marcada por espaços excluídos socialmente, assim como os sujeitos envolvidos. No tópico: “*Sem esquecer de usar a parte cerebral*”, apresenta como divergências e disputas entre os gêneros musicais se fizeram por questões relacionada de militância antirracista, importação cultural, apropriação cultural e conflitos geracionais. O tópico: “*No teu sorriso sonhei*”, destacam o papel do *rap* e do samba romântico na construção identitária da masculinidade negra periférica.

No artigo *O Rap é preto: narrativas e discursos que nos expressam* (2021) de Eliana Cristina Pereira Santos; Janaína de Jesus Lopes Santana, ao tratar por um mapa das relações entre o *rap* da periferia e o samba em São Paulo pode ser observado como a influência de um gênero teve sobre o outro, assim como isso se fez marcante na fase da juventude do grupo social dos envolvidos. Mediante a isso é possível entender o papel da música negra como

meio de identidade racial. Se faz válido destacar neste trabalho a identificação da construção de uma identidade masculina negra periférica que pode ser observada através dessa arte.

A análise proposta deste trabalho foi analisar o fazer do *rap*, e que esse é composto de três elementos: o Movimento *Hip Hop* o *rap* (música), *break* (dança) e o grafite/ pichação (arte gráfica. Então essa análise ocorreu pela canção “O Rap é Preto” do MC Nego Max (2018). Com isso, a proposta foi identificar aspectos políticos, sócio-históricos e linguísticos na obra, em diálogo com a noção de discurso presente de *escrevivência*²⁹ (Conceição Evaristo, 2014). A análise das autoras considera a observação dos MC’s, DJ’s (Disc-jóquei), BGIRLS e BBOYS (quem pratica o *break*). Pois, na observação das autoras essas contribuições são responsáveis por apresentarem uma conexão entre o público que escuta e sente as letras. Os que denunciam o racismo e diversas desigualdades sociais.

A parte discursiva do artigo é composta por três momentos. O primeiro momento apresenta: *RAP: Qual a sua identidade?* Neste ponto foi apresentado a história do *rap* como movimento formado por jovens negros nos Estados Unidos. Mas, o quanto essa manifestação cultural artística e musical pode ser associada como um movimento, por ser composto de uma pauta comum e identitária de valorização racial. O desdobramento do movimento *rap* historicamente. O segundo momento: *O RAP tem cor: É PRETO*, apresenta que esse gênero musical foi produzido pela população negra e na sua constituição histórica e social houve um reconhecimento de narrativa e produção compartilhada por esse grupo social. Por outro lado, trata como a discriminação racial da população negra também aparece nesta manifestação artística e a resistência expressa na arte do *rap*. O terceiro momento: *Tentativas de análises: os sentidos em rima*, as autoras por meio de trechos da canção *O RAP é preto* fazem associações históricas e sociais da letra, empregando concepções científicas e de dados governamentais sobre desigualdade racial.

No entanto, ao tratar do gênero musical *rap* como preto, e na explicação da história desta manifestação cultural, as juventudes negras se fizeram e continuam a ser presentes como produtores e consumidores dessa arte. As narrativas realizadas através da análise da canção realizada neste artigo revelam a potencialidade do *rap* como uma música que além de um som pode ser um meio de formação da identidade racial, por apresentar uma abordagem da representação social dos artistas envolvidos e do público consumidor que se identifica com o que consomem.

²⁹ *Escrevivência* é um conceito criado por Conceição Evaristo que reúne a escrita e a vivência, ou seja, a experiência seja individual ou coletiva.

As produções deste subtópico apresentam como ponto de relação as conexões musicais de um gênero musical com o outro, a experiência de locais periféricos os quais os sujeitos estão inseridos. Mas, essas produções nos permitem perceber que além da expressão artística da obra, há uma mensagem de otimismo e reivindicação anunciada, (Du Bois, 2021). O tom dessa mensagem anunciada por essas canções carrega um teor político presente na história da música negra para que haja melhorias sociais não apenas para os grupos sociais envolvidos, assim como o sentimento que o negro é lindo, tem potencial e não estão sozinhos.

5. CONCLUSÃO

Acredito que este trabalho, como outras produções científicas com abordagens similares, foi composto por altos e baixos. Ao mesmo tempo em que apresento possibilidades analíticas a partir das observações realizadas, reconheço que podem haver lacunas. Entendo, contudo, que tais lacunas são recorrentes nas produções das Ciências Humanas, que frequentemente demonstram que, mesmo quando um estudo responde à pergunta proposta, novas questões emergem a partir dele.

Ainda assim, destaco algumas das principais conclusões e possibilidades observadas, com base nas questões que nortearam a elaboração desta pesquisa. O objetivo central foi compreender, a partir de uma perspectiva sociológica, como a música negra pode atuar como meio de construção da identidade racial entre as juventudes, tomando como base um levantamento bibliográfico realizado entre os anos de 2013 e 2024.

Na primeira etapa, identifiquei artigos que, dentro desse recorte temporal, abordavam temáticas relacionadas. No entanto, observei que boa parte dessas produções pertencia a outras áreas do conhecimento, ainda que dialogassem com temas próximos à Sociologia. Os materiais analisados permitiram observar como a música negra pode funcionar como meio de construção da identidade racial juvenil, enquanto expressão da construção social, a partir de uma revisão sistemática da literatura.

Dentre as características observadas, destacou-se a análise de gêneros musicais específicos, eventos ou manifestações culturais populares que envolvem a música, como é o caso do maracatu. Essa constatação reforçou a importância da delimitação precisa do objeto de pesquisa.

Quanto aos aspectos históricos e culturais presentes nos artigos analisados, estes se mostraram fundamentais para compreender a música negra como ferramenta de construção identitária. A partir dessa perspectiva, torna-se possível diagnosticar os sentidos atribuídos às práticas culturais e artísticas das juventudes. Esse ponto foi especialmente evidenciado durante o mapeamento dos eixos temáticos centrais dos trabalhos revisados.

Os artigos também contribuíram para perceber que a discussão sobre a música negra como meio de construção da identidade racial está atravessada por um movimento de sociabilidade juvenil. Nesse contexto, comportamentos muitas vezes interpretados como “rebeldia” juvenil podem ser compreendidos como formas de resistência e afirmação de existência de sujeitos socioculturais marcados por diversas opressões.

As experiências apresentadas nos textos analisados contribuem para desnaturalizar visões discriminatórias, presentes no senso comum, sobre as manifestações culturais associadas à música negra. Nesse sentido, ela pode se configurar como aliada no enfrentamento ao racismo e à discriminação cultural. Em especial, nas produções que reconhecem a potência da música negra como prática educadora, observa-se a possibilidade de contribuir para a efetivação da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Além disso, as discussões sobre os gêneros musicais e os sujeitos envolvidos nas práticas culturais permitem compreender os significados atribuídos à música negra por aqueles que a produzem e consomem. A mensagem veiculada por essa expressão artística atravessa diversos campos sociais, como a cultura, a política e a economia. Para os grupos sociais que a produzem, contudo, a música negra pode ser, sobretudo, uma forma de resistência e afirmação da existência, mesmo que, em determinados momentos, sua "autenticidade" tenha sido flexibilizada como forma de sobrevivência. Essa dinâmica, entretanto, não elimina as formas de discriminação vivenciadas por quem a produz e consome.

Entendo que a observação realizada neste trabalho revela também a centralidade da valorização da negritude, tema que sigo desenvolvendo como proposta de pesquisa no mestrado em Sociologia, atualmente em curso. Nesta nova etapa, busco compreender, por meio da observação de um grupo de juventudes negras e pardas, como a música negra é percebida como meio de construção da identidade racial. As considerações finais desta pesquisa entendem que, pelo objeto empírico construído e analisado há possibilidade de refletir a música negra como meio de identidade racial para as juventudes. Ao conhecermos sobre a história social e estrutural das expressões artísticas e culturais socialmente podemos romper com estereótipos sociais. O que na produção do conhecimento científico das ciências humanas pode não ser uma revolução, mas uma possibilidade de desnaturalizar o que é associado como comum, porém carregado de interesses de um grupo em relação ao outro.

Acredito que, para além da dor provocada pelo racismo, a arte da música negra também promove amor e potência capaz de contribuir na construção de uma identidade racial de valorização do ser negro. Não se trata de superação, mas de oferecer aos corpos negros a possibilidade de se enxergar e se acolher para além da dor.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 35, nº69, p.177-204, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/ZWcWdXzF7XPPztKzfsTvwJq/?format=pdf&lang=pt>.

AGUIAR, Danilla. **Aimé Césaire, Frantz Fanon e a centralização da luta anticolonial na tradição afro-latina - americana e caribenha radical**. São Paulo: Extraprensa v. 18, n. 1, p.107-121, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/232498/214573>.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ARAÚJO, Nicolle. **JUVENTUDE E RESISTÊNCIA: o funk como forma de expressão dos (as) jovens da periferia**. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, 2018. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/21136>.

BARROS, Maria Beatriz dos Santos. **DE ROLÉ NA NIGHT CARIOCA: R&B, geração tombamento e as festas da juventude preta do Rio de Janeiro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/29298>.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Contribuições históricas do Movimento *Hip hop* para a luta contra o racismo e para a comunicação da juventude negra e periférica. In: **Revista de Comunicação Dialógica**, jul, p.64-85, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/view/50369>.

BATISTA, Carlos. **Tamborão olhares sobre a criminalização do funk**. E-book. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2013.

BRASIL. **Lei Nº 10.639/2003** de 09 de janeiro de 2003, dispõe sobre a alteração a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. Secretaria Nacional da Juventude. **Estatuto da Juventude**. Lei 12.852, 5 de agosto de 2013. Brasília, 2021.

BUCH, Esteban. A escuta musical. In: COURTINE, Jean-Jacques. **História das emoções: 3 do final do século XIX até hoje**. E-book Petrópolis: Vozes, 2020, np.

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade e identidade. E In: COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. E-book. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 277-307.

CAMPOS, Janaína Maria Alves. **A arte do rap como instrumento de transformação social e educação para a paz sob a ótica da mulher negra**. João Pessoa: Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, 2023. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4916>.

DOMINGUES, Petrônio; MEDEIROS, Carlos Alberto. *Black Rio: música, política e identidade negra*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 44, nº 95, p. 1-23, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nXpdfHJmmdw64K5B4mH4Ypy/abstract/?lang=pt>.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. E-book. São Paulo: Veneta, 2021.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; Martins, Raquel; Rosângela Paulino de Oliveira. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, nº 64, p. 183-200, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/JrmFLF39m5Wt8qcbjSSnCx/abstract/?lang=pt>.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. In: **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev. 2020. Disponível em: <https://sites.usp.br/dms/wp-content/uploads/sites/575/2019/12/Revis%C3%A3o-Sistem%C3%A1tica-de-Literatura.pdf>

GARCIA, Walter. Um mapa das relações entre o rap das periferias de São Paulo e o samba. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n.70, p.208-229, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/TT3zhMnqSzcXrWXL5GxKyBy/?lang=pt&format=pdf>.

GILROY, Paul. O atlântico negro como contracultura da modernidade; “Jóias trazidas da servidão”: música negra e a política da autenticidade. In: GILROY, Paul. **O atlântico negro**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos - Afro-Ásiático, 2012. p. 33-100; 157-223.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher; A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica; Racismo e sexismo na cultura brasileira; A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. **Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, pp. 25-44; 49-64; 75-93; 127-138.

HOOKS, Bell. A língua. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 223-234.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. P. 169 a 214. In: *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2023, p.7-67

MARCON, Frank. Música de festa: identidade na diáspora africana. In: BITTENCOURT, João Batista de Menezes (Org.). **Juventudes contemporâneas desafios e expectativas em transformação**. Rio de Janeiro: Telha, 2020, p. 159-174.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra; Marcador no definido**. 1996, p.1-13. Disponível em: https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/practicas_profesionales/788_salud_adol/material/juventud_mas_que_palabra.pdf.

MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. “Sonha colorido e adivinha em preto e branco” Identidade negra na música popular brasileira a partir do final da década de 60. In: **Rev. Hist. Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Anápolis**, v.4, n.1, p.240-253, jan/jun. 2015. Disponível: <https://www.anais.ueg.br/index.php/ConLaCol/article/view/3255/1973>.

MILLS, C. Wright. A promessa. In: MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. E-book. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 9-32.

MORAIS, Edmilson de Sena. Representações da identidade negra nas músicas do bloco afro Ilê Aiyê. In: **Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica**, v. 1, nº 4, p. 113-135, 2015. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/299>.

MOURA, Clóvis. Miscigenação e democracia racial: mito e realidade; O negro como um grupo específico ou diferenciado em uma sociedade de capitalismo dependente. In: MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 61-108; 109-155.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

NASCIMENTO, Abdias. Discussão sobre raça: proibida; Discriminação: realidade racial; O embranquecimento cultural: outra estratégia de genocídio; A perseguida persistência da cultura africana no Brasil; A bastardização da cultura afro-brasileira; Uma reação contra o embranquecimento o Teatro Experimental do Negro. In: NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978, p. 78-81; 82-87; 93-100; 101-107; 114-122; 129-135.

NAZARÉ, Mailson Lima; GOMES, Raiane Pompeu; AMARAL, Assunção José Pureza. A rua dos pretos: identidade, cultura e resistência da juventude negra em Belém do Pará. In: **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v.13, n. 4, p. 201-212, jul./dez. 2020.

PEQUENO, Letícia Sampaio. Juventude negra e movimentos culturais de resistência: interfaces com o Maracatu Nação Iracema em Fortaleza/CE. In: **IV Seminário CETROS Neodesenvolvimento, Trabalho e Questão Social**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013, p.300-312. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-9653-08072013-172916.pdf.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf.

RIBEIRO, Claudia; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Cultura juvenil e escola: o funk como ferramenta pedagógica e de identidade da juventude negra carioca. In: **Revista da ABPN**, v. 10, Ed. Especial - Cadernos Temático: História e Cultura Africanas e Afro-brasileira - lei 10.639/03 na escola, maio, p. 91-108, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/414>.

SANTOS, Eliana Cristina Pereira; SANTANA, Janaína de Jesus Lopes. O rap é preto: narrativas e discursos que nos expressam. In: **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 07, nº01, jan. - abr., p. 01-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2078>.

SANTOS, Josielle Santana dos. **"QUANDO A GENTE TAVA NA MODA":** lazer, identidade e memória na cena black - Ilhéus - BA (1970-1989). Dissertação de mestrado - Universidade do Estado da Bahia - UNEB Departamento de Ciências Humanas - Campus V - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Santo Antônio de Jesus, 2021, (Ainda em revisão). Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11092554.

SANTOS, Marcia Cristina dos; CABRERA, Luiz Henrique Vignola Cabrera. Conhecimento e cultura: o quinto elemento do hip hop na vivência de jovens MC's da região metropolitana de Curitiba. In: Cadernos do Aplicação. Porto Alegre, v. 34, nº 1, jan. - jun., p.405-418, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111186>.

SANTOS, Nilton Silva dos; SILVA, Rafael Rosa da. Jovens do samba: as construções identitárias negras no carnaval de rua de Bagé RS. In: **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 07, nº 03, set-dez, p. 01-16, 2021. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2245>.

SILVA, Célia Regina da. Experiências midiáticas e identidades culturais no *hip hop*: saberes e fazeres femininos negros. In: **Tabuleiro de letras**, V. 09; nº01, p.04-18, jun., 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleiroletras/article/view/1591>.

SILVA, Kamila Dinucci Correia. **Black soul black, black sou:** o corpo e a corporeidade negra no Movimento Black Rio. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11627288.

SILVA, Pamela Lacorte da. Diáspora africana no Brasil - a música negra como fruto de identidade. **R. Íandé - Ciências e humanidades**. São Bernardo do Campo, v.2, n.1, p. 136-147, jul., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/view/48>.

SOUZA, Jusamara; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Práticas musicais de jovens e vida cotidiana: socialização e identidades em movimento. In: Música em perspectiva. v.7 n. I, pp. 57-80, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/38133/23289>.

TAVARES, Maria Cristina. **Os jovens e o Maracatu Nação Almirante do Forte:** interfaces entre processos educativos culturais e produção de identidades. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, 2021. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/9038>.

TORRES, Thiago (Chavoso da USP). **O funk consciente e as políticas econômicas brasileiras.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8vs5FrpMww> 08/09/2024.

VIANA, Hermano. **O mundo funk** carioca. E-book. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

WALZER, Michael. Os direitos culturais. In: PUTNAM; Robert O.; WALZER, Michel. **O capital social, direitos culturais e o bem-estar dos jovens:** diálogos com Robert O. Putnam e Michael Walzer, pp.65-94.